

ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS E ESCRITORAS DO BRASIL
Coordenadoria Rio Grande do Sul

Organizadora
ELIANE TONELLO

Palavras **2020**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coletânea palavras 2020 / [editor] Associação de
Jornalistas e Escritoras do Brasil - AJEB-RS ;
organização Eliane Tonello. -- 1. ed. --
Porto Alegre : Eliane Tonello, 2020.

ISBN 978-65-00-12089-9

1. Artigos jornalísticos - Coletâneas
 2. Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil -
AJEB-RS - História
 3. Coronavírus na literatura
 4. Escritores brasileiros - Coletâneas
 5. Pandemia
- I. Tonello, Eliane.

20-48791

CDD-070.442

Índices para catálogo sistemático:

1. Coletâneas : Artigos jornalísticos 070.442
- Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS E ESCRITORAS DO BRASIL
Coordenadoria Rio Grande do Sul

Organizadora
ELIANE TONELLO

Palavras **2020**



Coletânea Palavras 2020

AJEB - Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil
Coordenadoria Rio Grande do Sul

Todos os textos publicados nesta coletânea foram autorizados pelos respectivos autores. É permitida a reprodução parcial desta obra, a título de divulgação, desde que citadas as fontes e os autores.

Organizador e capa: *Guilherme Hernandez Moraes*

Diagramação: *HM Digital Design*

Coordenadora: *Eliane Tonello (Presidente AJEB-RS)*

Revisão: *Press Revisão*

Impressão: *RJR*

Diretoria da AJEB-RS biênio (2020-2022)



DIRETORIA DA AJEB-RS BIÊNIO (2020-2022)

Presidente Coordenadora, psicóloga e escritora Eliane Tonello

Vice-Presidente, professora, tradutora e escritora Andrea Barrios

2ª Vice-Presidente, advogada e escritora Tatiana Fadel Rihan

Diretora Financeira, escritora Iodilma Corrêa

2ª Diretora Financeira, escritora Iara Schmegel

1ª Secretária, escritora Magalhe Oliveira

2ª Secretária, escritora Simone Friedrich

CONSELHO CONSULTIVO

Maria Odila Menezes de Souza; Adélia Eisenfeldt; Patrícia Langlois;
Soninha Athayde; Morgana Marcon; Daizi Vallier.

Apresentação

Nesta apresentação da *Coletânea Palavras 2020*, da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil, como Presidente e Coordenadora da AJEB – Rio Grande do Sul e coordenadora desta coletânea, destaco o lema “A Perenidade do Pensamento pela Palavra”.

No ano em que a AJEB-RS (1980-2020) comemora 40 anos de sua fundação, nesta edição o tema escolhido, “Pandemia”, permitiu que ajebianas e convidados pudessem expressar com maestria o momento histórico que cada um está vivendo, por intermédio de poemas, contos, minicontos, crônicas e quintas. Neste tempo em que vivemos reclusos, mergulhados na insegurança e nas incertezas sob ameaça do inimigo invisível, o vírus da Covid-19.

Sem interromper a sequência em relação às edições anteriores, fomos desafiados a inovar e a explorar ao máximo a nossa criatividade, prova de que a arte pode ser um dispositivo de saúde mental. Prevalecendo o objetivo de promover e divulgar os trabalhos literários no Brasil e no exterior, a publicação será em formato impresso e em versão e-book, que estará disponível gratuitamente na plataforma da Amazon, significando que os trabalhos estarão em todas as lojas do Brasil e do mundo.

Acreditando no sucesso desta obra e na abertura do espaço para o fazer literário das eminentes associadas e dos escritores convidados, clamo para que seja um impulso significativo a fim de que futuras publicações enriquecedoras venham a fazer parte do cenário gaúcho, brasileiro e mundial.

Vida longa à Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil.

ELIANE TONELLO

Presidente Coordenadora da AJEB-RS (gestão 2020-2022)

Coordenadora da Coletânea Palavras 2020

Palavras do nosso tempo

São quarenta anos de AJEB-RS, quarenta anos de escrita, de entrelaçamento de vozes através da palavra. São quarenta anos coroados com muita literatura e em um contexto jamais imaginado: Pandemia. O tema desta *Coletânea Palavras 2020* não poderia ser outro.

Quando temos que esconder o sorriso atrás da máscara, quando guardar distância se torna um gesto de amor pelo próximo, e quando devemos ficar confinados, eis que a palavra nos salva. Ela é mágica, porque consegue vencer o vazio que parece rodear-nos para se transformar em beijos, abraços, olhares e esperança. Ela se torna uma experiência catártica, quando nos dá força ao expressarmos angústias e medos que nos espreitam nas noites vazias deste ano ímpar.

Seguindo a tradição de publicar todos os anos, nem mesmo o confinamento foi obstáculo para que a AJEB-RS – e cada um de nós – se fizesse presente neste registro literário e, mais do que nunca, histórico. A palavra nos salva, e, ao redor dela, associadas e convidados dançam em prosa e poesia, em um ritual de vida que não para e aquece a alma.

Sinto-me honrada por fazer parte desta Associação e por apresentar esta belíssima obra, *Palavras 2020*, palavra do nosso tempo.

ANDREA BARRIOS

Vice-Presidente da AJEB-RS

Dando voz às palavras

A *Coletânea Palavras 2020* brota do sonho de dar continuidade a um lindo projeto desenvolvido anualmente pela AJEB-RS.

Tal projeto renova-se a cada ano e é germinado dando voz às palavras, que brotam e transbordam das almas de diversos profissionais, que florescem na arte da escrita e que compartilham letras como se fossem pétalas e flores em forma de textos.

Neste ano, tive o privilégio de estar ao lado de duas lindas e criativas mulheres, que desempenham a presidência e vice-presidência desta querida associação: Eliane Tonello e Andrea Barrios.

Eu, como segunda vice-presidente, aprendi e criei com elas, floresci e sorri de montão.

Sob o tema Pandemia, nasce a nossa *Coletânea 2020*, que surge – neste ano tão intrigante – de maneira expandida e ousada, moderna e diferente, lançada além da forma física, conquistando o mundo todo, rompendo fronteiras com seu novo formato digital!

Esta obra é mais uma linda flor, que nasce para completar o buquê desta querida Associação, da qual, com amor, faço parte e, com alegria e esplendor, venho exaltar.

Parabéns a todas as pessoas envolvidas nesta linda coletânea que, sob bons ventos, mais uma vez, voa!

TATIANA FADEL RIHAN

Segunda Vice-Presidente da AJEB

Palavras da presidente nacional

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.
Guimarães Rosa (Grande Sertão Veredas)

É com muito orgulho que apresento a antologia *Palavras* da AJEB de 2020, trazendo neste ano a novidade de publicação também virtual em e-book.

Falar sobre a AJEB remete àquelas mulheres intelectuais do passado, arquitetas de nossa história, idealizadoras de planos e realizações literárias profícuas, que elevaram o conceito da nossa Entidade. No dia 08 de abril de 2020, a AJEB – Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil – completou 50 anos de ininterruptas atividades culturais. Portanto, estamos no ano de seu Jubileu de Ouro, para a nossa imensa satisfação.

A Entidade foi fundada em 1970 pela jornalista Hellê Fernandes, ora patrona oficial da AJEB, tendo como berço a cidade de Curitiba/PR. Seus exemplos permanecem na história desta Associação predominantemente feminina, que venceu todos os paradigmas e imposições da mulher na época. Hoje, aos 50 anos, culmina suas conquistas com ações continuadas de conagração e expansionismo em 16 estados da Federação. Fator que a torna jovem, dinâmica e renovada, já alcançada a maturidade. Exemplo de persistência e superação em meio às adversidades peculiares do caminho. A AJEB do Rio Grande do Sul foi a terceira a ser implantada e, para a nossa alegria, marca presença elogiável nos anais da Associação.

A antologia *Palavras* é referência de uma jornada literária de mais de duas décadas, organizada pela ajebiana Hilda Flores até 2018. Em 2019, foi uma obra-prima da Editora Alternativa e neste ano, organizada por Eliane Tonello, atual Presidente Coordenadora da AJEB gaúcha. Em suas páginas, desfilam os inúmeros trabalhos de escritoras ajebianas e convidados especiais, mesclando os gêneros conto, crônica, miniconto e poesia da literatura. O tema escolhido foi a Pandemia, o qual denota um momento de transformação no planeta, com suas consequências desastrosas ao gerar uma luta pela vida jamais imaginável. Todavia, ao passarmos por esta triste realidade de perdas, só não perdemos a esperança de dias

melhores. Os participantes expressam emoções, sentimentos, angústias deste tempo vivido, ainda com seus conhecimentos, crenças e experiências gravadas com sua criatividade.

E sigamos em frente com coragem, retornando ao autor da epígrafe escolhida, elevando o nome da AJEB, estreitando e valorizando o elo de amizade e escrita, através da literatura. “Juntos somos par.”

MARIA ODILA MENEZES DE SOUZA

Presidente Nacional da AJEB

Sumário

Diretoria da AJEB-RS biênio (2020-2022)	5
Apresentação	6
Palavras do nosso tempo	7
Dando voz às palavras	8
Palavras da presidente nacional	9
Adélia Einsfeldt	13
Adriana Mendonça	14
Ana Beatriz Guerra Mello	16
Andréa B. C. Mongeló	18
Andrea Barrios.....	20
Andreia Souza Guerra	21
Andreza Batista Dutra.....	22
Astrid Kampf Beutler	23
Berenice Sica Lamas	26
Caren Schultes Borges	27
Caroline Lima Silva	28
Daizi Vallier	30
Dariely de Barros Gonçalves	31
Dirceo Stona	33
Eliane Tonello.....	36
Etelvino Pilonetto	38
Evanise Gonçalves Bossle	39
Henrique Borba Bittencourt	40
Iara Regina P. Pacheco Frainer.....	41
Iara Schmegel.....	43
Iodilma Correia.....	44
Ione Russo	46
Isaias Silva Munhoz	47
Laura Benites.....	50
Laura Rangel	53
Lia Dauber.....	54
Lorena Fontoura	56
Magalhe Oliveira.....	58
Maria da Glória Jesus de Oliveira....	61
Maria do Carmo Silveira	62
Maria José Bela dos Santos Silveira....	63
Maria Odila Menezes de Souza	64
Marinês Bonacina	65
Milena Pinzón	66
Nádia Elise Lima Bandeira	67
Natália Brandalise Pinto.....	70
Nilda Melo Cezar.....	72
Noely Luft.....	73
Olivia Barrios Ardenghi.....	74
Paulo Monteiro Ferraz.....	75
Rejane Bonadimann Minuzzi	76
Renata Machado	77
Rosângela Godolphim Plá	78
Sarah Bressan	79
Silvana Henzel.....	80
Sonia Maria Dürchnabel Athayde ..	83
Susana Rodrigues	84
Tatiana Fadel Rihan	86
Teani Godolphim	88
Teresinha Couto.....	90
Memórias da AJEB-RS	93
Projetos	94
Palestras	96

ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS E ESCRITORAS DO BRASIL
Coordenadoria Rio Grande do Sul

Organizadora
ELIANE TONELLO

Palavras 2020



Adélia Einsfeldt

Escritora-poeta, nasceu e reside em Porto Alegre/RS. Publicou: *Animais se Divertem*, *Pétalas*, *Asas* e *Da Madrugada*, em parceria, e *Impacto*. Patrona da 6ª Feira do Livro de Faxinal do Soturno/RS, em 2017. Ocupa cadeiras em relevantes Academias Culturais e Membro de Associações Literárias. Ama declamar poesia.



Lamento

De joelhos
 rezo
peço ao além
a alma entrego
à virgem suplico

por que não atendes
não vedes
 a angústia
do meu coração?
minha alma chora

a estrada é larga
mensagem retarda
 na oração
véu encobre o dia.



Adriana Mendonça

Psicóloga, Psicanalista. Membro Efetivo – CEP-de PA; Membro – Federação Latino-Americana de Associações de Psicoterapia Psicanalítica e Psicanálise – FLAPPSIP; Coordenadora do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica para Adultos Maduros pelo Instituto Cyro Martins; Coordenadora Técnica – Curso de Formação em Psicanálise do Percurso Psicanálise – Manaus/AM ; Membro – Seminários Winnicott / POA/RS.

“Escritores criativos e a Psicanálise”

*Menino você é muito arteiro!
Essa criança vive fazendo arte!
Essa menina é uma artista.
Essa criança fantasia demais!
Está sempre inventando coisas...*

Acredito que muitos escutaram isso na infância. Embutida nessas ‘brincas’ da mãe ou do pai, me parece haver uma associação, talvez inconsciente, do brincar como um espaço potencial da criatividade.

E me encanto sempre que isso acontece, quando os adultos utilizam as palavras: arteiro, arte, artista, fantasia, invenção, como sinônimos de bagunça, desarrumação, mau comportamento e transgressão de limites... Realmente, a criança, como o artista, é um transgressor, que incomoda, desacomoda, desarruma, bagunça, e, de alguma forma, transtorna. Mas ambos transformam o ambiente onde vivem!

Que bom se as mães e os pais puderem fantasiar com seus filhos, devanear e criar histórias, rabiscar, enfim, participar e dar recursos e espaços para o desenvolvimento da criatividade infantil. Talvez esses pais estejam criando um poeta, um escritor, ou um jornalista...

Escrever é como brincar com a mãe, já que linguagem é materna e possibilita desenvolver o domínio da escrita, começando com garatujas, rabiscando coisas no entorno, e, posteriormente, preencher com palavras uma folha em branco...

Acredito que o encontro íntimo e qualificado de dois seres humanos, que foi tão prazeroso e sensualizado pela força de Eros, desde a infância, intensificaria a predisposição do ser humano para se sintonizar com o ambiente em

condições facilitadoras, que possibilitem voltar a contatar numa ação integradora e sentir em si mesmo uma expansão criativa.

A universalidade da arte foi muito importante no desenvolvimento do jovem Freud. Especialmente a literatura, que, inegavelmente, teve um poderoso efeito na sua potencial criatividade, tornando-se desde a juventude e por toda a vida um leitor contumaz e sensível, o que serviu de apoio às iniciais teorizações do homem Freud, embasadas, também, na sua autoanálise e na sua clínica. Filósofos, dramaturgos, poetas e romancistas fundamentaram em Freud o entendimento do psiquismo humano, abrangendo os conceitos do Inconsciente e do complexo de Édipo, inspirados em Sófocles e nas tragédias de Shakespeare. O psicanalista Sigmund Freud escreveu *Escritores Criativos e Devaneios* (1908), comentando que a irrealidade da fantasia permite ao escritor sentir prazer e transmitir prazer até em situações que, na vida real, seriam desprazerosas. Referia que a literatura é fruto dos sonhos e fantasias criados por escritores imaginativos e por estes atribuídos a personagens no curso da História. São representações inconscientes do escritor que se associam com a linguagem e passam a possuir um caráter de imagens, que são investidas pelo desejo, com sua carga libidinal, e cuja energia, agindo como uma descarga elétrica, acende e produz uma corrente de visibilidade. Quando desliza o desejo, a representação de coisa fixa-se na palavra, tornando-se consciente. É onde o estilo, a singularidade irredutível do escritor, vence e o texto se faz.

Comentava Clarice Lispector: “*Às vezes a sensação de pré-pensar é agônica: é a tortuosa criação que se debate nas trevas e que só se liberta depois de pensar com palavras*”.

A experiência artística da literatura, assim como a experiência da psicanálise, possibilita um lugar em que o excesso e a intensidade estruturam a realidade de maneira estilizada e singular, através de formas que organizam constituindo novos caminhos, e se inscrevendo no registro da simbolização. A palavra dá forma ao que não tem nome. O escritor criativo expõe e oferece a sua fantasia, compondo, assim, um núcleo rítmico e uma cumplicidade com o seu leitor, que toma a fantasia para si, dela usufrui, e com ela embala seus próprios anseios. Por isso a valorização e a necessidade de vivenciarmos o processo criativo em nossas vidas. Continuando a refletir sobre a importância dos escritores criativos para psicanálise e a literatura como pilar fundamental para a criação e a evolução da psicanálise, Sigmund Freud nos diz: “*Os poetas e os filósofos descobriram o inconsciente antes de mim. O que eu descobri foi o método científico que nos permite estudar o inconsciente*”.

O acesso do escritor criativo ao inconsciente gera sintonia com o leitor e sincronicidade com o ambiente, iluminando e ampliando os caminhos futuros da humanidade.



Ana Beatriz Guerra Mello

Psicóloga e Psicanalista, mestre em Psicanálise e Educação pela UFRGS, foi supervisora e coordenadora de cursos de graduação em Psicologia. Supervisiona e coordena seminários em formação psicanalítica. Atua em consultórios com crianças, adolescentes e adultos.

A psicanálise e a tela

E agora?, perguntava José. O que vamos fazer? Contemplava o móvel, imóvel. Depois de 45 anos de mãos dadas com a Psicanálise, via o consultório e o divã gasto pelo tempo. Olhava-se pela tela do celular, enxergava um homem calvo, os ralos cabelos brancos, mais brancos do que pretos, bem mais brancos. Conversava com a sua imagem na tela. Será que vamos conseguir nos reinventar? Seria leviano atender presencialmente na minha idade. Mas fora a idade, não estava em nenhum outro grupo de risco, pensava José. E você? Olha para o divã. Como vai ser? Vou te levar para casa? Não irei precisar. Terei que te deixar aqui. Mas talvez fosse melhor aparecer ao fundo, gesticula com as mãos: o divã, para garantir as condições da análise. Bem, meu amigo, ainda não está na hora de te aposentar, acho que logo voltarei e seguiremos nossa jornada. A questão proposta por José que fica como interrogação para nós: Seria a psicanálise on-line a psicanálise? Como demarcar a escuta analítica nesse contexto virtual? Depois desse período, tudo voltará a ser como era antes? São muitas interrogações que temos que experimentar, mas sem jamais esquecer as quatro mais uma condição da análise, como traz Antonio Quinet. Tendo como base os questionamentos de Lacan a respeito do início da análise proposto por Freud, Quinet retoma em suas lives, sobre os atendimentos em tempos de pandemia, os primeiros passos do começo do tratamento: as entrevistas preliminares, o uso do divã, o tempo, o dinheiro e acrescenta o ato analítico, ou melhor dizendo, a ação da transferência. Nosso José ainda se questiona sobre o tempo e o espaço do consultório. Reflete: qual será o espaço do consultório virtual? Como irei receber as pessoas? O que irá substituir o aperto de mão da chegada e da saída? O espaço virtual garante de forma efetiva o sigilo?

Quando comecei a escutar meus pacientes, estava seguro quanto a isso. Vejo-me dependendo de novas ferramentas, de equipamentos, de modos virtuais aos quais não estou tão familiarizado. José resolve se olhar mais uma vez pela tela, tira uma selfie, na tentativa de ver, de capturar aquela imagem que o outro irá testemunhar, e divaga: minha experiência, ao longo do tempo, estará contemplada nesta nova perspectiva de escuta clínica. José avança sem jamais recuar do lugar do analista. Olha pela janela, visualiza e escuta os sabiás cantando.



Andréa B. C. Mongeló

É psicanalista, membro da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Faz da escuta seu ofício, mas as palavras escritas sempre estiveram presentes na sua vida. Participa de várias modalidades de oficina de escrita criativa.

Neste ano, que ainda não encontro palavras para definir, muito nasceu e morreu em mim.

Algumas coisas que morreram foram sem deixar saudade.

A ideia da certeza. Da certeza da hora seguinte. Do que eu, displicentemente, penso que é possível sim, deixar para amanhã.

Morreu sem deixar saudade por não ser real e, sim, um jeito de me sustentar em alguma certeza. Nessa vida frágil como bolha de sabão.

Morreu, mas deixa saudade a crença na ideia de coletividade, de que cuidamos uns dos outros de maneira macro. Não todos. Não a maioria. Ainda não.

Nasceram algumas tantas. Um certo cansaço, algum medo, muita nostalgia.

A certeza, ainda maior, dos laços invisíveis. Dos afetos cultivados que se mantêm, apesar da distância. Aqueles que nos unem a quem amamos.

Nascimentos. Mortes. Mudanças. Muitas.

Como diz VHM: “o que nos muda também nos aumenta”. Aumentada por dentro, enfrento este ano, difícil de colocar em palavras.

Procura-se

Em meio à pandemia
Uma palavra, que seja uníssona
Uma afirmação da realidade
Uma ação, que reconheça o outro
Uma palavra-carícia
Um olhar, que não seja na tela
Um sorriso, que não seja só com os olhos
Um abraço, com toque na pele
Uma música, para dançar a dois
Um lugar, que não seja só dentro
Um tempo, que não seja só presente absoluto.

Palavras que aquecem

Obrigada pelas comidas que tu mandaste. Estou com saudade, comprei um livro que tu irias gostar. Não estou mais aguentando esse distanciamento e as crianças pedindo pelo vovô e a vovó. Corta o coração. Estamos batendo papo online no Zoom, vem também. Já botei teu bolo no micro: em 2 minutos e meio estará pronto. Não te levo porque minha reunião está começando. Que domingo lindo, né? Frio, mas lindo! Fiquem bem aquecidos por aí. Está tudo remexido aqui dentro. Eu sei, por ora te cuida com amor. Alguém vai sair? Poderia me trazer ovos? Vou sair sim, e deixo para ti. Precisas de mais alguma coisa? Que em breve a gente possa se encontrar. O pequeno está com saudade de ser “amassado” por outros que não os pais. Vamos combinar, nem que seja para se ver de longe? Dar um tchauzinho de máscara? Só queria te dizer que passei o resto da semana me sentindo melhor, depois que conversamos. Vou criar vergonha na cara sim, e mandar pelo menos um sinal de fumaça. Seguimos firmes contra a maré! Nossa dança vai ter que esperar ainda mais um pouco. Outro dia sonhei contigo, acho que é saudade.



Andrea Barrios

Vivo no mundo das palavras. Além de professora de Francês e Espanhol, sou tradutora. Participo de coletâneas desde 2017 e, em 2018, lancei meu primeiro livro de contos *Ao Menos um Descanso/ Al Menos un Descanso* (bilíngue). Atualmente, sou Vice-Presidente da AJEB-RS.

Madrugada pandêmica

A escritora acorda, mas não quer abrir os olhos. “É a pandemia”, pensa. Procura dormir, mas novamente algo a sacode. Eu não estou. “Não é a pandemia. É a Fada da Inspiração.” Mundo sem mim. Os versos brotam sem controle na madrugada pandêmica. “Amanhã escrevo, Fada. Vai embora.” Ela mergulha nas cobertas. Texto sem conclusão, a Fada insiste. “Está bem!” Ela arranca as cobertas e acende a luz. Sobre a página, o lápis espalha o grafite em linhas precisas.

Acordar repentino.
Eu não estou.
Mundo sem mim,
cama sem calor,
texto sem conclusão
meus filhos sem mãe.
Medo pandêmico.
Madrugada em claro.
Luz que se acende,
escrita que acalma,
pálpebras que pesam,
e o sono que volta

Ela descansa o lápis dentro do caderno e o fecha. As ideias, abafadas entre as folhas, ainda sussurram, mas não perturbam. “Boa noite, Fada. Agora vê se me deixa dormir!”

Andreia Souza Guerra

Aluna da escola especial Cantinho da Esperança
- APAE - Seberi/RS.



A vida é minha amiga

Eu amo a vida e tenho orgulho de quem me tornei
Todos os dias celebro e sou grata por minha vida
Agradeço com amor a saúde de minha família
e todos que me cercam

Sou uma eterna aprendiz e sou muito feliz
Desejo um mundo com muita paz, harmonia e amor
Tenho fé e acredito nesse Deus Misericordioso
A vida é maravilhosa ...

Mesmo nesse isolamento em casa, a vida é boa...
Sei que o momento que estamos passando está difícil
Pessoas conhecidas estão sendo infectadas, noticiários tristes
Mas Deus deve ter um propósito e acredito que deve ser pra refletirmos e
melhorarmos como seres humanos

Vamos evoluir mais e agir melhor depois que tudo isso passar
Tenho esperança que as pessoas vão ter mais pureza e alegria, vão dar valor
para pequenas coisas, como estar mais em família, curtir a natureza, valori-
zar mais o abraço, pois aprendi que ele cura.

A saudade está grande e a vontade é entrar no telefone muitas vezes e estar
pertinho de amigos, professores, familiares.

Cada frase desta poesia, escrevo e cito com alegria, pois sei que um dia
vamos vencer esta pandemia.



Andreza Batista Dutra

Natural de Criciúma/SC, participante de Antologias, membro da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB-SC) e também do Projeto Compar, obras registradas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Formação em Pedagogia e Magistério, Pós-Graduação em Pedagogia Hospitalar, professora, mãe, 44 anos. Ênfase na poesia.

Tempos difíceis

Nesse momento turbulento,
Onde o medo invade o interior...
Aterroriza o pensamento,
Causando extremo pavor!

A essa tal guerra fria,
Que modifica todo o ser...
Denominaram Pandemia,
Mudando a rotina de viver!

Vivenciamos tal isolamento,
Onde palavras são importantes...
Perdemos valiosos momentos,
Dos que amamos, ficamos distantes!

E nos atemos às orações,
Mensagens e frases positivas...
Recebemos valiosas lições,
Mantendo nossas famílias unidas!

Astrid Kampf Beutler

Nasceu em Ijuí. Cresceu em Cachoeira do Sul. Formou-se em Matemática na UFRGS. Trabalhou em escolas bilíngues em São Paulo e dedicou-se ao estudo de Francês, Inglês e Alemão. Foi bolsista do Pädagogische Austausch Dienst na Alemanha. É Vice-Presidente da AJEB- São Paulo. Membro Acadêmico Honorário da Academia de Letras e Artes Lusófonas (ACLAL).



Amor em confinamento

O Amor

A família

O Covid-19

O inesperado...

Ou troco a ordem: O inesperado... O Covid-19...

E o amor e a família como é que ficam?

Esqueci do perdão. O perdão não pode ser esquecido em nem uma das horas do dia... Nem uma... Sem ele tudo se despenca... Chego a pensar que sem ele nem as estruturas metálicas que sustentam os prédios teriam começado a existir... e neste caso o mundo inteirinho seria outro...

E a Fé... no poder do Criador, envolvida pelo Amor e este por ela... porque sem ela, a Fé, desaparecem as cores e o mais permanente...

O Criador, Senhor de tudo que não dominamos... não importam as formas, não importam os nomes...

Sim, com a Fé, o perdão é básico e fundamental. Bem, mas o perdão exige cabeça. Então a cabeça passou a ser fundamental... o raciocínio, o pensamento, o discernimento... a elaboração, os argumentos ... a inteligência. A inteligência emocional liderando na argumentação de qualquer discussão. Inteligência emocional... Emoção. Coração. Amor. Amor bem pensado, temperado e temperando... O Perdão temperando tudo, o tempo todo... Mas, amor predominando. Amor para consigo e amor para com o outro. O outro nos precisa e nós precisamos de todos os outros que representam o amar, o doar-se, o fazer

para os outros. Se tem fazer, tem objetivo, tem razão. Se tem fazer e tem razão nem tem reclusão, tem objetivo e significado para o estar ali... E assim vai. E o inesperado acaba tendo uma ordem e com ordem e família, que pode ser de amigos – a família escolhida, o amor acaba sendo o centro, envolvido por perdão, fé e esperança... e todas as cores de uma vida com significado e razão...

E o dia a dia flui e a esperança invade os corações e o ambiente, e o convívio fica mais fácil. Até parece temporada de férias...

Depois

Depois de quê?

Quando começou isto para ter “depois”?

Sei que agora estou dentro e lembro de antes... Aliás, o antes é bem compreendido...bem...

Até parece que foi num piscar de olhos que me vi dentro...Anseio desesperadamente pelo

depois...mas não tenho ideia de quando esta palavra será válida e quando vai começar este

DEPOIS... Por enquanto imaginamos e ansiamos. Buscamos descrever o depois e temos vontade de vê-lo colorido, alegre, musicado e de felicidade..

Felicidade..., ela está em todo lugar? Ela se estrutura sozinha? Não, ela é como um prédio... depende de uma estrutura de metais fortes que o mantenham de pé. Ainda que estes “metais” sejam do espírito. A Felicidade é bem assim. Se aquele que a sente não tem estrutura interna para mantê-la, ela vai embora. Só existe bem fugaz... Aquela que permanece é reestruturada e realimentada, ou seja, é preciso ter força, é preciso querer ... é preciso lutar... Ela nem sobrevive sem a nossa força e entendimento. É um bem “alimentável” e vale a pena cultivá-lo.

Agora, a pandemia é invasora, tem força própria. É desafiadora. Vai se intrometendo onde ninguém a quer. Como ela é dominadora, não temos ideia de quando virá o depois. Ela é tão metida que cria desavenças entre os que sofrem e lutam com a sua presença. Vejo que ela olha de soslaio e fala: Eu fico, eu fico, eu fico...

E nós ficamos sem saber quando realmente começa o depois...Sabemos que o queremos colorido e musicado e que faremos parte desta orquestra com todo o nosso senso de compromisso!!!

Poema a uma amiga amada

Vivemos uma guerra
Inesperada
A tua é dupla
E também inesperada
Duplamente inesperada
No teu coração
No de todos que te conhecem
Admiram e te sabem guerreira
Verdadeira
Verdadeira guerreira
Tenha Paz
Pra que o corpo tenha força dupla
Pra driblar esta invasão indevida
Invasão indevida
Metida
Indesejada
Meu grito:
Vença o amor, o perdão, a esperança e a saúde!!!!

*Este poema fiz para minha querida Simone
Em 16 de abril de 2020*



Berenice Sica Lamas

Pelotense. Psicóloga. Escritora. Poeta. Oficineira. Consultora de empresas. Mestre em Psicologia Social e Doutora em Letras. Mãe de 2 filhos e avó de 4 netos. Autora do livro *Essências e Geografias* – Prêmio AGES Livro do Ano 2018 (categoria Crônica). Produz em 2020 o vídeo autobiográfico *Berenice Sica Lamas - o limiar de um perfil*.

Nasce Pedro. A enfermeira, desavisada,
coloca máscara pandêmica no nenê.
Pedro não mais respira.

Anciã nasço,
adolesço madura,
muito jovem caso,
enviúvo menina.

Caren Schultes Borges

Natural de Santa Cruz do Sul/RS, mãe da Justine, parceira de vida de Adão Vieira, psicóloga clínica em Porto Alegre, psicoterapeuta familiar sistêmica no Institut Avuí, amante dos livros e atualmente enamorada pelas palavras escritas. Aprendiz na Oficina de Produção Psicanalítica e Literária - SPRS.



Pan-tempo

Pan-tempo

Co-tempo

Com tempo

Não passa o tempo

Com pranto

Sem pranto

Isolamento

Isola-tempos

Isola dentro

Isola mente

Com respeito

Sem respeito

Distanciamento

Somos tantos

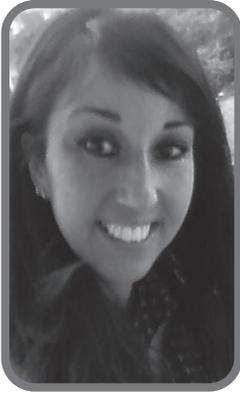
Desalentos

Perdemos tempo

Pan-tempo

Não passa o tempo

São novos tempos



Caroline Lima Silva

Psicóloga, formada pela PUCRS. Mestre em Psicologia pela UFRGS. Autora do livro *Justiça social na Adolescência: a voz dos protagonistas sobre a ética das relações comunitárias no Brasil e exterior*. Voluntária em causas sociais.

Coronavírus: início de um novo tempo

Estamos vivendo um período de crise, de incertezas em relação ao trabalho e às novas formas de serviços que se apresentam, à saúde como cerne principal da pandemia, de reflexões acerca da vida, do futuro e das relações. Uma crise de valores que afeta a todos. Uma crise coletiva e, por tal, mobilizadora para todos e além-fronteiras. Talvez esse seja um momento em que muitos irão se deparar com muitas incertezas, porque a privação, a falta e a introspecção dão uma lucidez incrível para a mente, principalmente por apontar verdades que, não raras vezes, evitamos enfrentar. Entre elas, a percepção de que não temos o controle sobre a vida e a sua finitude; que o sentido da vida está nas pequenas coisas do cotidiano, sem custo, nem barganha; que a família é o bem maior, o início de todos os valores humanos, muitas vezes, esquecidos ou ignorados como mercadoria de segunda linha.

Mais do que uma crise aparente e do “lado de fora”, estamos vivenciando uma transformação do “lado de dentro”, conquanto de forma abrupta e compulsória, mas extremamente salutar contra o individualismo e o egoísmo, tão enraizados no comportamento humano nos dias de hoje. Tantas mudanças acontecendo ao mesmo tempo em termos de ideias, tecnologia, comunicações, corporações e relacionamentos que voltar ao silêncio tornou-se bem mais do que sair do ritmo frenético do mundo: tornou-se o autoencontro necessário de cada um, a volta ao equilíbrio e à essência. O renascimento em vida. A renovação que liberta, a fim de sermos pessoas melhores para nós mesmos e para o mundo.

Enquanto muitos reclamam do isolamento social e da contenção de ficar em casa, outros utilizam o período para desenvolver a criativi-

dade, reajustar laços afetivos, cuidar de seus familiares, aproveitando o tempo que outrora parecia escoar pelas mãos. Diante do caos, aparecem muitas perguntas também. Algumas perturbadoras, cujas respostas inquietam mais do que acalmam a alma. Outras um tanto evasivas, sem deixar com que consigamos completar o quebra-cabeça dos acontecimentos. Entretanto, em algum momento, somos arrastados para o confronto direto com nossos pensamentos mais íntimos. E parece que o sofrimento acaba por ser o catalisador de tudo. Viktor Frankl, psicólogo austríaco e criador da Logoterapia, narra no seu livro *Em Busca de Sentido* a procura de significado dentro de um campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Como judeu, viveu o auge do sofrimento diante das atrocidades do Nazismo, desprovido de alimentos, afeto e dignidade.

Conquanto a realidade inóspita vivida lá, Frankl acabou por transformar o cenário de horror na busca pelo sentido da sua vida, ultrapassando a sua individualidade e tornando-se exemplo de resiliência, superação e motivação para viver. Parece incrível, mas justamente ele, sub-humanizado tanto psíquica, quanto fisicamente, acabou por nos provocar em relação à vida. Hoje vivemos uma pandemia de origem natural, que nos priva através da liberdade, nos confinando na materialidade transitória das coisas, nos atrelando às necessidades básicas de fome e sono, mas nos protegendo, sem que nos demos conta. Talvez esse seja considerado o período “perdido” para alguns, mas, para outros, o renascer da vida por se estar vivo.

Para a Logoterapia, a necessidade mais profunda do indivíduo é dar sentido à sua vida. Viktor Frankl nos dá o exemplo de que, mesmo reduzidos às piores condições humanas, ainda nos restará a liberdade de espírito para criarmos a realidade mental que queremos. Ainda será nosso o direito de sonhar, de buscar forças internas de experiências salutares antigas, como âncoras que catapultam o abismo em direção à felicidade. Ainda temos dentro de nós a centelha divina, a fé em nós mesmos, independentemente de crença, que nos arrebatam e nos põe de pé diante até mesmo da morte. Viktor Frankl nos deixou esse legado: a esperança que independe da circunstância. O propósito que nasce da consciência diante da dor.

O “novo normal”, experienciado agora, precisa de tempo para o assimilarmos. Assim, e através da lente da Psicologia, entendemos a evolução como um subir de degraus, cujo momento platô, entre um degrau e outro, se faz necessário para a compreensão do processo de crescimento. Que saibamos dar um passo de cada vez com sabedoria. Estamos vivendo um novo tempo: o salto quântico para a consciência de que somos todos uma grande família chamada planeta Terra.



Daizi Vallier

Natural de Rio Grande. Sócia do Partenon Literário, da AJEB-RS, pertence à Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves, à ALERS – Academia de Artes Literárias e Culturais do Estado do RS. Tem participação em diversas coletâneas. Em 2016, na Feira do Livro de Porto Alegre, autografou seu livro *De Retalho em Retalho*.

Quintas

desfrutamos primavera
outono furtado
monstro abocanhara
inverno retirando-se
fartado

jubilosa embalei
fruto ventre
tempos solitários
cadeira embalo-me
adentre

sentimentos embaralhados
atitudes controversas
inimigo comum
assombra divide
dispersa

Dariely de Barros Gonçalves

Advogada, natural de Porto Alegre, acadêmica de Filosofia; cronista do *Jornal do Povo*, de Cachoeira do Sul/RS; Membro da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves de Porto Alegre (cadeira nº 13); da Poemas à Flor da Pele e AJEB/RS; Conselheira Consultiva da AMICUS - Associação de Cachoeirenses Amigos da Cultura.



A vida é agridoce

“A vida é agridoce. É preciso sorrir (...) Sorria perante as adversidades e chore de alegria diante das maravilhas da vida.” Não sei onde li e desconheço a autoria desta citação, mas isso não importa, o fato é que ela é forte, plena de verdade, pois, na realidade, a vida é mesmo assim, acre e doce, sendo, justamente, a coexistência entre esses dois sabores, que nos possibilita percebê-la, valorizá-la e nos sabermos felizes.

Eu sei que, com tanta tristeza, medo e insegurança pairando no ar, nas casas, nas ruas, em nós, às vezes, é constrangedor falar de doçura, beleza, alegria e felicidade. Por outro lado, me ocorre, porém, que é exatamente nesses momentos em que mais precisamos delas, até porque elas não se encontram apenas na paz, na calma e na tranquilidade.

Sim, em tempos de controvérsias e desafios, também encontramos doçura, beleza, alegria e felicidade. Em tempos de dificuldades, descobrimos a nossa verdadeira medida, a nossa força e capacidade até então escondidas no emaranhado da nossa acomodação e conveniência. Em tempos de tristezas, encontramos, ainda, os verdadeiros amigos e companheiros de caminhada, bem como o sentido do nosso viver.

Não se curvar diante das dificuldades, não desistir diante dos obstáculos, não esmorecer diante dos desafios, não se quedar frente às tormentas da vida é possível e necessário. Sorrir, seguir em frente, acreditar e lutar. Ser grato, há tanto o que agradecer. As aflições, assim como vêm, também se vão. Uma dose diária de Pollyanna também não fará mal, ou seja, encarar a vida com positividade, lembrando-nos e valorizando mais facilmente as coisas agradáveis que as infelizes, também nos sustentarão. Felicidade é só uma questão de se deixar ser.

O certo é que não importa a dificuldade, não interessa o revés, a forma como encararmos os infortúnios determinará a forma como passaremos por eles. Sorrir depende de nós, enxergar o lado bom de cada pessoa ou situação, também. Reagir com coragem aos trancos da vida nos fortalecerá. “Sigamos o exemplo da natureza, que se acomoda na bonança, e insurge-se, resiste e renasce, quando em perigo ou ameaçada.”

Dirceo Stona

Ciências Econômicas na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); em Filosofia na Faculdade Meridional (iMED) Campus de Porto Alegre. Participa da Oficina de Produção Psicanalítica e Literária, com Paulo Fernando M. Ferraz.



Dois mundos

Existem seguidores de Maomé, de Buda, de Jiangshi. Também há os adoradores de Orixás, de Jó e até de Qohélet. O maior número está no grupo dos devotos de Deus, que chamarei de Senhor. É Ele o dirigente de Yggdrasil, um sistema cujos frutos têm o poder de curar qualquer doença e até mesmo de salvar quem está à beira da morte.

O Senhor já havia, em outra circunstância, castigado Adão e Eva. Foram expulsos do Éden, visto que Eva, seduzida pela serpente, provou da árvore proibida o fruto. Nasceu aí o desapontamento do Senhor e, também, o pecado e a desobediência. Ele malogrou na tentativa de se fazer temido. Usou, como retaliação, a água para forçá-los a serem fiéis às doutrinas e aos Seus dogmas. Pediu para Moisés divulgar quais seriam as leis, escritas nas tábuas velhas que tinha, porque, na época, não havia Internet e nem televisão. Chamou Aarão e ordenou:

Aarão, não conte à Mirian e nem ao seu irmão, pois ele já falhou comigo quando Eu pedi que libertasse o povo de Israel. Até hoje brigam por Moisés não ter conduzido as negociações como deveria e, além do mais, a tua irmã vai contar para as amigas. Preste atenção: dentro de quarenta dias vai começar a chover e um grande dilúvio varrerá da terra os males. Para isso, tens que falar com o Noé, um carpinteiro, filho do Lameque, para que construa uma Arca e nela leve um casal de cada espécie.

Aarão, assustado como sempre, conhecedor da maneira rude do seu Senhor, foi e contratou uma equipe de engenheiros, que passavam de reunião em reunião trocando mensagens entre si, até que, em certo momento, para que o projeto encomendado fosse mais perfeito, resolveram conferir os currículos dos que estavam trabalhando. Ao analisarem o perfil de Noé, verificaram que ele não tinha curso superior e, de posse disso, ordenaram ao Chefe do RH que o demitisse. Assim foi feito.

Passaram-se quarenta dias e a Arca não ficou pronta. Mesmo que insistissem com o Senhor para alterar a data final do detalhamento e execução do trabalho, não houve novo prazo. De repente, avistaram ao longe um barco em proporções colossais. Aarão, perplexo, perguntou:

- O que é aquele vulto que passa lá?

Responderam em uníssono:

- É o Noé que construiu aquela Arca, parecida com a do nosso projeto.

Depois de ter castigado Adão e Eva e de não ter obtido, com as missões dadas a Moisés e a Aarão, os resultados esperados, o Senhor arremeteu-se novamente contra a humanidade. Transformou em sangue as águas do Rio Nilo. Cobriu a Terra com rãs. Infestou homens e animais com piolhos. Escureceu as nuvens com gafanhotos, que, na visão autoritária Dele, nada adiantou. As coisas foram cada vez piorando: homens desrespeitosos passaram a profanar estátuas e a praticar adultérios à revelia. Governantes, desorientados, começaram a pregar o uso de drogas sem a aprovação da OMS (Organização Moderadora do Senhor).

Em Banquete promovido por um certo filósofo grego, um certo filósofo grego, homens beberam até cair, discorrendo sobre o amor. O mesmo filósofo descobriu uns sujeitos em uma caverna e os manteve de costas para que não vissem a luz e não soubessem dos prazeres da vida: a mulher pelada, o jogo do bicho e o carnaval. Como não tinham o que comer, se alimentavam de morcegos.

A fala em Praça Pública, como deve ser a República, foi o pináculo de sua existência. Atraiu para si vários seguidores. Um deles, o mais fiel, depois de dizer que: “só sabia que nada sabia”, morreu em defesa da vida virtuosa e da moral – suas grandes preocupações.

Um velho de barbas longas e amareladas, que morava nas montanhas em uma caverna e, também, se nutria de morcegos, desceu e proferiu: “se queres o caminho para ti mesmo? Detém-te um pouco mais e me escuta”. Assim falou Zaratustra.

Com todas as desobediências e os sacrilégios perante o Senhor, Ele resolveu confabular agora com uma divindade de nome Jiangshi, que teve origem em corpos que ressuscitaram de pessoas cuja alma não conseguia deixar a matéria. Jiangshi, para se manter, sugava a essência vital (o ki) dos outros, e sugeriu ao Senhor – para resolver o mal, outra vez gestado pela humanida-

de – criar uma pandemia. Segundo Jiangshi, será uma doença contagiosa que se alastrará em todas as regiões e não poupará ninguém. Com isso, o Senhor buscará libertar aqueles homens que estavam na caverna, cegos e surdos para o mundo, por viverem de costas para uma verdade luzente. Eles, libertos, junto com o velho das montanhas, sairão propagando a paz e o amor livre, mostrando que não é necessário crer Nele e tampouco seguir as leis. Os eloquentes discursos e seus exasperados perdigotos serão os vetores que contaminarão uns aos outros. Líderes de outras tribos, praticantes do totemismo, brigarão entre si e a animosidade imperará. Depois que poucos ficarem na Terra por terem perdido seus amigos, familiares e colegas, dar-se-ão conta de que outros, de alma purificada, habitarão o mundo, que Adão e Eva não souberam respeitar, ao instituírem o pecado.

Assim sendo, uma grande Assembleia dos Deuses foi convocada para transmitir o que ficou acertado entre o Senhor e Jiangshi. Muitas informações vazaram a partir daí e geraram inúmeras fake news. O medo e a paranoia se instauraram. Diante dos rumores e do clima tenso, o Senhor, ao ser cobrado, precisou se retratar. Arrematou: conforme Jiangshi, todos os não tementes a Ele sucumbirão, não importa o deus que sigam, não importa a cor nem a idade, basta serem humanos. Aos peixes, às aves, às plantas e aos animais, nada acontecerá: eles vivem de acordo com as Leis da Natureza e não cometem adultérios.

Passaram-se dois mil anos. Morreram milhares de pessoas. Quando todos pensavam ser tudo aquilo uma pilhéria, uma nova sociedade surgiu, com outros costumes: no Yggdrasil todos se reportam agora a uma só divindade. Os rostos estão iguais ao usarem sobre a boca e o nariz um adorno que vai da cor branca à preta, para que as secreções não se espalhem. Corpos conseguiram se libertar da alma e neles a seiva da vida prospera, sem que ninguém mais precise ficar de costas para a luz. As crianças aprenderam a se comunicar através da imagem produzida em vídeos. Os limites geográficos terminaram. Não existem mais fronteiras para que não se repitam mais as cenas de Aylans, Oscars e Valérias. Por um mundo sem fronteiras, caso contrário, outras tragédias virão.

A pandemia, provocada pelo Jiangshi, no mundo chamado Yggdrasil, deixou o Senhor satisfeito pela seleção e pelos cortes feitos, que otimizaram a imagem e a imaginação. Com isso, pensa Ele, novos estilos de vida, novas rotinas, com a implementação do distanciamento controlado, também evitarão os conchavos e os complôs contra Seus inimigos. Ninguém mais se achará acima das leis. Predominará o compromisso com o bem comum.



Eliane Tonello

Rondinhense. Psicóloga Clínica. Escritora. Compositora. Presidente Coordenadora da AJEB-RS. Membro da Academia Literária Feminina-RS, ALB, ALMURS (Rondinha) e outras. Tem várias obras publicadas (ensaio, poesia, romance, infantojuvenil quadrilíngue) e prêmios no Brasil e exterior. Embaixadora do IMAMA, da Paz e do Meio Ambiente. Engajada em causas sociais.

Contato: eliane.tonello@gmail.com

Agônico

Sufocadas vozes
Ressoam madrugadas
Murmúrios celestes
Esvaziam o mundo

Histórias ceifadas
Flagelos de sonhos
Rastros invisíveis
Sopro de vida

Quinta

Janela d'alma
quintas afloram
salva afogados
liberta vendas
bifloram

Súplica ao Covid-19

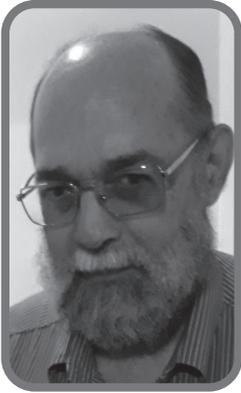
Você é danado
Quer ser dono do pedaço
Chegou sem pedir licença
Impedindo o abraço

Guardo histórias
Tenho muito a escrever
Sonhos a realizar
Frutos a colher

Pode ir dando adeus
Você aqui não é bem-vindo
Arruma a mala, vá embora
Siga outro caminho.

Pão pandêmico

Priscila gostava tanto da vida
que aprendeu a gostar
da dura ponta do pão.



Etelvino Pilonetto

Nascido em 02/1956, em Rondinha/RS. Contabilista, Bacharel em Economia, reside em Sarandi/RS há mais de 30 anos. Participou de diversas Antologias de Poesias em várias editoras pelo Brasil, como Partenon Literários (POA) Andross, Illuminare, Porto da Lenga/ Café Carvalho.

Soldados de branco

Não tem estação,
Começou no verão,
Passou pelo Outono,
Entrou pelo Inverno,
Chegará a Primavera.

E os nossos soldados de branco
Continuam a nos proteger,
Na Linha de Frente
Em uma batalha,
De uma guerra visível
Contra um inimigo invisível
Que não respeita limites,
Mares, oceanos, montanhas, nações.

O mundo de quarentena,
Dentro de casa, confinados,
Lutando contra o invisível.
E os soldados brutos.
Nas boleias dos caminhões,
Dia e noite, transportando esperança.
Soldados de banco, soldados brutos.
Na linha de frente.

Evanise Gonçalves Bossle

Nasceu em Caxias do Sul/RS. Especialista em Língua Portuguesa. Autora das obras *Ícones do Tempo* (poesias), *Outonos* (contos) e *Carrossel do Mundo* (poesias). Membro da Academia de Escritores do Litoral Norte - AELN desde 2007. Escreve para jornais, revistas e sites.
E-mail: evanisegoncalves@hotmail.com



O tempo e a metáfora das calcinhas

Nestes tempos de pandemia, de isolamento social, em que estamos em casa, trabalhando online, em videoconferências e videoaulas. Nós, mulheres, dividimos o tempo com a limpeza da casa, afazeres domésticos... Cozinhar, lavar, organizar armários e gavetas, enquanto vamos revendo a vida através de fotos antigas e roupas que nos trazem boas recordações.

Ontem, remexendo gavetas, resolvi organizar a gaveta das calcinhas e eis que surgiu em mente a “metáfora das calcinhas”...

O tempo é como uma gaveta de calcinhas: na infância, multicores, bordadas, muito decentes, com desenhos das princesas da Disney; na adolescência, todas essas são substituídas, trocadas por calcinhas de renda, algumas ousadas, fio-dental, sexys, atraentes, de cores vibrantes, muito vermelho e preto. Na fase adulta, as calcinhas são elegantes, algumas mulheres preferem tons pastéis para o dia a dia; em momentos especiais, corpetes, cinta-liga, entre outras variedades atrativas. Então chegam os filhos, e precisamos usar umas calçolas nada elegantes, cintas compressoras, que dizem que modelam o corpo, para voltar ao normal depois da gravidez – ledô engano, mas costumamos seguir as orientações das mães e avós que nos lembram que precisamos usar essas cintas e meias kendall de compressão pós-parto. Então, quando chegamos na melhor idade, mesmo não querendo, precisamos buscar nas lojas de lingerie as “calcinhas”, que sempre são as mais caras, pois são tamanho G, mais parecendo um “shortinho de perninha”, para segurar tudo que costuma começar a lutar contra a gravidade. E assim é o tempo, nos muda de acordo com as estações da existência, nos torna menos fúteis, mais fortes e ricas em sabedoria. E sigo organizando a gaveta das “calcinhas existenciais”.

(11/07/2020)



Henrique Borba Bittencourt

23 anos, Bacharelado de Psicologia pela UNIC-NEC, membro da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul (SPRGS). Editor nas revistas *Diaphora* e *Perspectiva, Ciência e Saúde*, escritor, apaixonado por Psicanálise e Mitologias.

Postergação de iduna

Parto e passos,
Seus enlaços,
Queria eu me atar.

Atei-me foi no passado,
Já sonhado e lembrado,
Vivi sempre a seu lado,
Expectando fulgurar.

Olho agora
Os seus cachos,
As maçãs de sua face,
Coração D'ouro,
Com pulso fraco.

Sorrisos dá-me sem tardar,
Todo adeus já foi olá,
Agora parto a te olhar.

Lembranças da juventude,
Estagnada,
No seu eterno desabrochar.

Iara Regina P. Pacheco Frainer

Formada em Letras pela UFSC / Formada em Fonoaudiologia pela Univali. Autora de *O Peso do Ar – Respiração e patologia*. Palestrante empresarial e educacional: Voz e identidade vocal. Microempresária do Sono.



A voz mantém o mundo

Existe em mim,
e está amparada em ti,
bastando dois para ser um mundo e tudo sendo um só.

A voz, presente em todas as palavras, é inteira em si,
e partilhada em cada pedaço
é extensão quando vai ao encontro de ti.

Nenhuma solidão, nenhum estar só,
pois no compartilhar basta o ar.

E neste mundo que está pequeno, encarcerado e doente
é a voz que nos torna imensos,
a voz que nos torna densos.

A emoção tem corpo, tem alma, tem voz,
a voz somos todos nós.

A voz diz quem eu sou

Se me vires cabisbaixa e silente,
tenha certeza: é a fé criando coragem para alçar voo.

Eu posso estar orando em meio às lágrimas,
mas perceba, estou juntando forças para acompanhar a
força da voz.

Ninguém sabe da própria rota, mas a cada desafio
a voz guardada fortalece e cresce dentro de si.

E como um bom ser humano,
eu cresço porque existes.

Construção, desafio ou afeto
tudo me puxa em forma de estrela,
para fora e para longe do vazio,
pois na palavra está o assentimento.

Ser é ter uma voz e a voz constrói a alma.

O olhar, bússola para o outro, dá o norte.

E o mundo se alarga pela palavra, pela escuta, pela
emoção.

Meu mundo está na palavra
e se completa pelo teu olhar.

Iara Schmegel

Escritora, poeta, professora, pedagoga. Nove livros publicados (poesias, infantil, crônicas/textos). Participa de coletâneas e antologias, nacionais e internacionais. Membro da Academia de Letras do Brasil - ABL/RS, cadeira 40, Clarice Lispector. Membro da AJEB/RS.
E-mail: iara_schmegel@yahoo.com.br.



Catarse

na caminhada
solitária e única
vivemos
liberdades
opressoras
medos
priorizamos
infelicidades
por receio
adiamos
a felicidade
entre conflitos
crises e
oportunidades
buscamos
nossa catarse



Iodilma Correia

Natural de Uruguaiana, Bióloga formada pela PUC, professora aposentada e reside atualmente em Porto Alegre. Diretora de Finanças da AJEB (Coordenadoria RS). Colabora no jornal *Letras Santiaguenses*, de Santiago/RS. Publica na antologia *Palavras da AJEB*.

A.J.E.B

Associação de mulheres jornalistas escritoras
Juntas unidas mostram seus talentos
Elevando bem alto o nome da entidade
Bolos, velinhas, confraternizações
Dedicação de todas as ajebianas
Orgulho de participar, Jubileu de Ouro
Belos poemas, poesias e contos
Recordações vividas com emoções
Aniversário, parabéns, AJEB
Século, meio século de saber
Incentivando a literatura
Liberdade, emoções, declaração de vidas

Desconexa

As pessoas se afastaram
Não se abraçaram, não se beijaram
Só se amaram na distância
E a humanidade parou
A mãe-terra ficou entristecida
Muitos ficaram em casa ansiosos e angustiados
Com a situação que acontecia
Fizeram tarefas, se cuidaram
Meditaram, dançaram e ouviram o seu interior
Tiveram pensamentos diferentes
E a pandemia foi aos poucos se curando
As mudanças foram acontecendo
Um novo mundo foi nascendo
Com novas atitudes, novos desafios
Acreditando que tudo iria mudar
Pois nada é para sempre
O mundo ficou melhor, mais humano
As pessoas se encontraram
Se abraçaram e se amaram
E novamente torceram por um planeta
E uma vida melhor de alegria e felicidade.



Ione Russo

Psicanalista, Membro pleno do Centro Psicanalítico de Porto Alegre e autora do livro *Luto em Carne Viva*.

Lâmpada da memória

“Se quiseres poder suportar a vida, fica pronto para aceitar a morte.” Sigmund Freud

A porta não era larga.

Agulha, buraco de agulha. Mesmo assim ele ia transpô-la com pose de festa. Enfatiotado, caminhava garboso sem se virar, deixando para trás seus escritos e tudo o que até então o mantinha, sem saber ao certo o que encontrar, mas, seu destino era seguir.

Nada o detinha; nem sua insinuante sedução sempre exercida.

Sua comunicação era surda: oco do oco do oco. Seguia impassível ao ignoto como indo ao grande encontro de sua vida. Buraco negro que tudo engole e por vezes recria.

A assistência impotente de seus filhos e de seus amores era passiva; todos atônitos pelo terror ameaçador do estranho mal da peste que teimava em não ir. Enquanto aqui, quantas horas, dias, anos se questionando sobre isso ou aquilo, coisa e tal, tentando inutilmente respostas sempre multiplicadas em mais questões.

Mas como sempre dizia, indagar-se, viajar e estar com quem amava era o usufruto de seu tempo, além de seu trabalho e o cafezinho com seus amigos. Tempo que não sabe ficar. Tempo que nos inveja a cada reviver de nossas lembranças. Tempo que não nos esquece.

Melhor sorver cada instante. O amanhã nem sempre virá.

Acordei sobressaltada pelo pesadelo.

Na noite seguinte foi sua vez de ser seduzido. Não resistiu a Thánatos.

Agora, recorramos à lâmpada da memória (Mnemosine) para lembrá-lo.

Rumo a possíveis respostas, já em novos tempos, ele enfrentará nu e cru o encontro com Anúbis.

Neste inimaginável Apocalipse causado pelo Covid-19, onde para muitos quase beira ao desespero, sigamos em frente recriando-nos a cada dia através da esperança.

Isaias Silva Munhoz

Natural de Quaraí/RS. Formação superior completa. Atividades nas áreas de contabilidade, magistério e serviço público federal. Autor de várias obras, compositor e músico. Membro da Academia de Letras do Brasil, ocupando a cadeira 78, cujo patrono é Luiz Menezes.



A força da palavra

O hábito de ler é uma atividade muito importante e proporciona conhecimentos, amplia o universo das ideias, favorece a criatividade e direciona objetivos. A leitura frequente ajuda a criar familiaridade com o mundo exterior e cria proximidade com as palavras; por sua vez, facilita o aprendizado e dá suporte para as mais diversas áreas da vida. Mario Quintana escreveu: *Os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não leem.*

A importância da leitura se faz presente desde o momento em que começamos a entender o mundo que nos cerca. Ela abre as portas do conhecimento e expande a percepção do que é preciso compreender, de forma que chega ao nosso espaço com o intuito de acrescentar um poderoso e essencial instrumento libertário para a sobrevivência humana e expande a visão da nossa expectativa de vida. O leitor é protagonista do próprio aprendizado quando encontra nos livros a possibilidade de ser um verdadeiro aprendiz num mundo de constantes transformações.

É necessário que se aprenda desde cedo que ler deve ser algo importante, prazeroso e que isso o tornará dinâmico, perspicaz, além de ampliar ricamente o vocabulário do indivíduo. A leitura torna o cidadão mais consciente e crítico no contexto social. O ato da leitura abre as fronteiras do conhecimento e diversifica a visão, facilita a interpretação do mundo como um todo e está diretamente ligado ao desenvolvimento, servindo como ímã que atrai e prende o leitor numa relação de prazer e amor. Esse hábito saudável deve ser utilizado de forma positiva, visando ao desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico sobre a realidade diária. À medida que a pessoa se apropria do conhecimento, ela é impulsionada pela curiosidade e se sente estimulada a continuar lendo, pois, ao ler, viaja, em pensamentos,

por lugares reais ou imaginários; descobre nos personagens inspiração para escrever sua própria história. Muitas vezes, a realidade e a ficção se misturam pela riqueza de detalhes: lugares, paisagens, encontros e desencontros ocorridos nas narrativas que também acontecem na vida real.

A palavra possui uma força indescritível. Funciona como elemento de transformação e, por ela, somos capazes de atitudes surpreendentes. Ela é tão poderosa que pode ferir muito mais do que um murro aplicado no rosto de alguém. Vitor Hugo escreveu: “*A palavra tem a leveza do vento e a força de uma tempestade*”, razão pela qual deve-se ter muito cuidado com o que se fala, até para que não nos tornemos escravos da palavra e a fim de que não machuquemos os outros, mesmo que de forma inconsciente. Platão disse: “*São as palavras pronunciadas com o fim de instruir, e que de fato se gravam na alma, sobre o que é justo, belo e bom; através das palavras encontramos uma força eficaz, perfeita e divina a ponto de nelas concentrarmos nossos esforços*”. Entendemos que, pela palavra, define-se o ser humano. Ela é a característica principal e central de cada indivíduo. Na verdade, comunicamo-nos o tempo todo, não apenas oral e verbalmente, mas também com pensamentos, símbolos e gestos. Mesmo que não estejamos dizendo algo para os outros, estamos dizendo coisas a nós mesmos. Quando não escutamos alguém, ouvimos dentro de nós a voz interior da esperança e anseios que habitam nosso universo pessoal. A nossa fala é muito mais do que um mero som ou uma sequência lógica de pensamentos e ideias; é uma corrente magnética que contém e transmite vida.

Para todo aquele que busca compreender a si mesmo, a voz da consciência é seu grande mestre. O poder que ela possui nos orienta ao enorme cuidado que devemos ter com cada palavra pronunciada, porque é a unidade básica do pensamento e sempre atinge seu destino final. Ela tem um efeito místico, isto é, uma força que foge à compreensão natural e, em alguns casos, evolui para a fé, pois, como o eco, sempre retorna para o ponto de origem. Essa definição contribuiu para o surgimento da expressão popular: “*Tudo o que se planta colhe-se*”.

Ela é uma força, que salva ou condena, ilumina ou causa escuridão, limita ou nos dá esperança, conforme a intenção e a intensidade de tudo o que dizemos; o desejar energiza, magnetiza a palavra. O pensamento correto leva à palavra e ela à ação, daí surge o resultado final de acordo com o sentido proposto. As palavras que dizemos ou pensamos ficam gravadas no inconsciente e definem ações e o propósito daquilo que almejamos alcançar. Esta é uma lei inevitável, por isso a vida é, de fato, fruto do pensamento. A palavra é o resultado prático de uma determinada experiência de vida, e o seu poder junto com o pensamento assemelha-se ao fogo. De-

pendendo da intenção, pode apenas aquecer de maneira acolhedora ou pode queimar deixando destroços. Por isso, é preciso que estejamos atentos. Em muitas ocasiões, ouvir somente é uma virtude e o silêncio pode significar uma eloquente palavra. Portanto, vamos usá-la de forma sábia.

Quem fala a verdade contraria interesses. A palavra sincera nem sempre se encaixa nos esquemas dos poderosos. Aquele que tem coragem de ser íntegro percebe que muitos preferem desconhecer a verdade. “*O pior cego é aquele que não quer ver*”, diz o ditado popular. Ou “*em terra de cegos, quem tem um olho é rei*”. Na realidade, em terra de cegos, quem tem um olho pode ser duramente perseguido, especialmente quando insiste em falar a respeito do que vê. A utilização eficiente da palavra requer coragem, atenção e equilíbrio.

A luz da palavra sincera, inseparável da intenção correta, revela verdades incômodas que a ignorância e a preguiça preferem rejeitar. Toda palavra verdadeira presume uma ação justa. Não basta controlar as palavras que vamos proferir, é necessário selecionar as que escutamos. Devemos decidir com atenção o que queremos ouvir. É recomendável evitar temas nocivos à nossa formação.

Em razão disso, sugiro que tenhamos cuidado com o uso das palavras. Elas são mensageiros vivos. Quando bem utilizadas, tornam-se frutíferas. A razão direta da veracidade e da pureza que está por trás delas, no entanto, quando são usadas num plano inferior da convivência social, são apenas sons desagradáveis, tendenciosos, que promovem mal-estar; palavras sem vida, diferentemente das que iluminam e promovem o bem-estar. Por isso, é necessário controlar e educar o fluxo do que pensamos e proferimos, pois pode ser a causa de muitos desentendimentos, contradições e discórdias que ocorrem nos relacionamentos. Seu uso correto eliminará gradualmente a principal causa do sofrimento e permitirá assumirmos por completo as rédeas da nossa vida.

A nossa palavra tem muito poder. Segundo a Bíblia, Deus criou tudo que existe, e as suas palavras sempre se cumprem. As palavras afetam nossas vidas e têm poder até sobre a vida e a morte. Em razão disso, encontramos uma frase popular que diz: “A boca fala o que está dentro de nosso coração”.

Ao finalizar, citamos o capítulo 12, versículo 18 do livro de Provérbios que diz: “*Há palavras que ferem como a espada, mas a língua dos sábios traz a cura*”.

Junho/2020



Laura Benites

Do Alegrete, leitora, poeta, mãe, psicóloga, psicanalista, vive em São Leopoldo, entre livros, pássaros e gente. É a partir daí que lê o mundo do que ouve, e das páginas que lhe caem nas mãos.

Causas

Uma árvore edênica, fonte primeira,
conhecimento de todo assunto
fruto proibido, fala certa
outro verde, dourado mundo
teu engenho: queda e fúria
desvelou-se fronteira
terra, do céu: limite e injúria
Ah, o primeiro verbo
O primeiro corpo
O primeiro jarro
O primeiro amor
Quando um feto vem à luz
pura potência de vida
o ar invade, o choro irrompe
nasce, em primeiro ato do corpo,
a alma
está definido: um bebê.

O real se apresenta atuante
tempo de capacidade
a semente penetra a pele da terra
regada, bebe o calor do sol
fogo em aurora
carregada pela ventania
nascido em broto
o real se faz moção
instante de capacidade
o tempo dessa corrupção
difere em gênero, número e grau
o velho é vida e saber num átimo
nós, ao meio do caminho,
potenciais vetores do corona
somos habitat
em fuga.

A imensa floresta arde em fruto e grão
pela tecnológica mão, abrem-se clareiras
seus invisíveis, vão liberados na fumaça.
Ainda que banida da natureza, sou solo
alimento orgânico, cachaça
somos horta para vírus
que nos colhem às mancheias
quero escapar,
viver.

Digo: Hoje não. Fecho a porta.
Fico em casa. Eles, não.
Juntam-se à madrugada
tipo ritual, ofertam-se na calçada
em festas urdidadas no esquema
a cidade em sacrifício.
Saímos da natureza
Ela não sai de nós.
O olho do homem engana
Será que vê no mato armadilha?
Ao dizimar a mata, planta a planta,
Crê atingir a árvore primeira?
Imerso em ressentimento,
será que delira?
Será que se sente
a caminhar de volta ao paraíso?
Algo de um real atuante
tremenda capacidade
ente infinito e silente.

Laura Rangel

Natural de Porto Alegre. Psicopedagoga, autora dos livros de poemas *Bonecas Russas* e *Agridoce*. Associada da AJEB. Curadora de Rodas de leitura.



A vida me chama
É chama
Navegar é preciso
Sublimar a sobrevivência
Todos os sofreres
Os quereres.

Encontrar novos prazeres
Sorrir em muitos dizeres
Brindar o possível viver.

Cativeiro

Ora, logo ela
Como caiu na armadilha
Mulher livre emancipada
Namorava o policial
No sobrado da casa verde
Apaixonados amores
Ali foi seu cativeiro
Em pedaços a cortou
Feminicídio legal.



Lia Dauber

Psicóloga Clínica – Me. em Psicologia da Saúde e Comportamento Social. Membro da SPRGS – Núcleo SL. Participa da Oficina de Produção Psicanalítica e Literária, coordenada pelo psicólogo Paulo Fernando M. Ferraz.

Presente

Despertei
Subitamente, a lembrança
Hoje é meu aniversário
Ainda sonolenta, transportei-me
aos aniversários da infância
Cachorro-quente e pastéis
Presentes expostos
na cama da mãe
Os quinze anos, amigos, turma
Mais tarde, os cartões com dedicatórias
Mensagens amorosas do marido
carinhosas dos filhos
Sempre presentes
Abraços apertados e muitos beijos
E hoje? Posso comemorar?
pandemia
morte
tristeza

Mas o que é do presente?
dos abraços apertados?
dos beijos calorosos?
Coração apertou
Lembrei da minha mãe
vida ceifada cedo
dos outros que já se foram
tantos próximos, amados
as vítimas da pandemia
distantes de mim
próximos de outros
E o presente?
As mensagens vão chegar
carinhosas, doces
os telefonemas de perto
de longe
desejos benfazejos
abraços e beijos virtuais
mas afetivos, candentes
Estes são os presentes
E o maior já me foi dado
A vida
berçada por minha mãe
Cuidada e festejada
ao longo de tantos anos
Presente-palavra hoje
Gratidão



Lorena Fontoura

Especialista em Coaching, graduada como Gestora em Recursos Humanos. Escritora. Membro da Academia de Letras do Brasil/Seccional Rio Grande do Sul, Membro da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves e Membro da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB-RS). Em Curso de Formação de Escritores na Metamorfose.

Máscara do medo

Senti muito medo quando criança. Medo do Bicho-Papão, do Velho do Saco, da Bruxa da Branca de Neve. O que jamais imaginei era que o medo me acompanharia. Conforme cresci, meus medos trocaram de forma e proporção: medo de aprender a andar de bicicleta, medo de me afogar na beira do mar, medo do escuro, medo de sangrar sem ter me machucado.

O medo está presente em todos nós, uma emoção básica do ser humano.

A parte boa é saber que venci meus medos, mas sempre adquirindo outros ao longo da vida, como o medo de amar e não ser amada, medo de engravidar, medo de não engravidar.

Com mais de cinquenta anos, vivo carregada de medos. Eles cresceram comigo em proporção à idade, os tenho muito mais!

Temo em perder meus pais, perder minha filha, temo em sentir-me só mesmo sendo só, medo de adoecer e, pasmem, medo de adoecer e viver dependente da bondade humana para continuar limpa e alimentada sobre um leito.

As primeiras horas do ano de 2020, comemorei com muita alegria, expectativa e esperança; pela soma de seus Algarismos, pela dualidade do vinte-vinte, pela alternância ser a mesma e por ser Ano Novo.

O Bicho-Papão cresceu invisível e voltou; o mundo, se fosse plano, estaria virado de cabeça para baixo. Hoje o medo de algo que não vejo não é só meu. Ele fez parar o mundo todo, uma pandemia que já dizimou centenas de milhares de seres humanos, deixando famílias mutiladas pela falta, pela dor da perda ou pelas sequelas de quem venceu o Bicho-Papão. Matou mais que a guerra atômica já vivida.

Não pude sair de casa, não vi minha filha, nem meus pais, muito menos as reuniões de amigos. Comemorei a data do meu aniversário sozinha, eu, o bolo e a velinha.

Isolados cada um em sua casa, em sua concha, dentro do seu eu, revendo seus valores e afetos.

Quando saía à rua por necessidade extrema, usei máscara e luvas, sem mencionar o álcool em gel, e mantive dois metros de distância da outra pessoa.

Quem garante que ela não está contaminada pelo monstro?

Sim, um monstro viral, altamente contagioso.

Este monstro é mau, irônico e ri de nós. Debocha da ignorância humana, que, ao longo dos anos, não viveu, apenas trabalhou, somou e adquiriu, comprou tudo e todos que se vendiam para uma vida de luxo e riqueza.

E aí o monstro C-19 veio, atacou, contaminou, invadiu nossos pulmões e nos tirou o que temos de graça, nosso ar. Tirou também nosso sossego, nossa rotina, nossos parentes e amigos.

Oxigênio que nos foi dado límpido, inodoro, translúcido, gratuitamente, mas não soubemos dar o real valor.

Pobre, rico, político, chefe de Estado, tampouco Reis, ele poupou. Nem todo o dinheiro do mundo conseguiu comprar o ar.

Quem lerá este texto nesta coletânea publicada? Não sei...

A máscara do medo não me deixa saber.

Mas tenho fé e esperança de vencer este Bicho-Papão, inimigo invisível, cruel e debochado.

Espero do fundo do meu coração que, depois deste pesadelo, sejamos pessoas melhores, com outros valores e mais humanitários.

Quero estar contigo comemorando o lançamento deste livro, quero jantar e brindar com meus colegas escritores nossa nova vida e nosso livro, pensando no próximo!

Próximo livro? Não.

Em nosso irmão, nosso leitor, que nos inspira, motiva, nos faz escrever e renovar nossa escrita!

Quero estar na 66ª Feira do Livro de Porto Alegre, autografando mais uma obra compartilhada contigo.



Magalhe Oliveira

Escritora e poeta - Membro da Diretoria AJEB-RS, ocupa a Cadeira 95 na Academia de Letras do Brasil/RS, associada ao Grêmio Literário Castro Alves e à Associação Poemas à Flor da Pele, membro honorário do Instituto Cultural Português, integra os Coletivos Gente de Palavra e Mulherio das Letras/RS.

O grito é de todos os que se importam!

Acordei! Preciso me assentar no tempo! Hoje é quinta? 2020! Um ano para jamais esquecer. Fragmentos de uma experiência onírica permaneciam vívidos na minha mente. As imagens mostravam-me caída num poço, mas viva. Nadava na superfície da água, rodeada de samambaias que cresciam viçosas penduradas às paredes do poço. As plantas eram minhas companheiras, nesse momento de sobrevivência. Esse experimento é um bom presságio, um sinal a considerar. Cair no poço, submergir, voltar à superfície, estar acompanhada, sair do poço, mais dia, menos dia.

No meu consciente, porém, reverberam signos icônicos de desespero expressando a vontade de correr em linha reta, sem olhar para trás. A ameaça da finitude causa pânico em muita gente. O medo coletivo está gritando!

Lembrei de Edvard Munch, “O grito”, versão mil oitocentos e noventa e cinco, Museu de Oslo. Sua pintura é expressão do medo irracional experimentado durante um pesadelo, sentimento de profunda angústia, ansiedade e desespero existencial. Munch passou por muitas agruras e perdas familiares, sua mãe e irmã morreram de tuberculose. Ele sobreviveu à Gripe Espanhola, Pandemia do Vírus Influenza, 1918 a 1920, que matou um quarto da população da época. Outra representação de agonia e dor também ecoava na minha mente: a foto icônica de Nick Ut, registrando a corrida da menina vietnamita Klim Phuc (1972), corpo nu, queimado, expressão de horror, fugindo da bomba atômica.

Neste tempo, o pesadelo real é a Covid-19, amedrontando e nos confinando nas nossas casas. Um vírus tão forte como uma bomba atômica, com grande poder de destruição. Esse patógeno invasor, identificado em 2020, em Wuhan, na China, nos ameaça o tempo inteiro. Sem os cuidados neces-

sários, ele entra pelas nossas bocas e tenta se instalar em nossos pulmões. Uma verdadeira batalha é travada no interior do nosso sistema imunológico para exterminá-lo. Força e tratamento são fundamentais para a sobrevivência! Máscaras, mãos limpas e cruzar os dedos, para evitar sua ação danosa.

Tentamos pensar, escrever ou falar sobre outro tema, mas neste momento nossa mente foca o vírus. Vivemos no Brasil, muita coisa continua acontecendo e o alerta deve ser total! As notícias são aterrorizadoras. Dedos desumanos apertam botões, empurrando à morte, menino preto jogado “à própria sorte”.

As balas perdidas, assertivas, continuam matando as crianças pretas! Os machistas de plantão, estúpidos bárbaros, cometem feminicídios. Precisamos estar atentos, exigindo justiça para que o mundo encontre sua humanidade! Não é somente o vírus que mata.

Todavia, o protagonista é o vírus, ele mata milhões. Nas telas, emergem imagens impactantes das covas de Manaus e São Paulo, verdadeiras desovas de gente. Na noite insone, faço poesia! Grito as dores coletivas incrustadas na alma! Sinto a agonia dos passamentos.

Na noite seguinte, consegui dormir mais cedo. Nos campos oníricos, as samambaias continuavam firmes. Saí do poço e lancei-me a uma corrida desenfreada, ao encontro de túneis verdes. A sensação da presença da cor da esperança me salva da agonia da perturbadora imagem de “O Grito”, de Munch, e da menina vietnamita. O grito, porém, continua ecoando, sinto que ele não é só meu: o grito é de todos os que se importam!

Meia dúzia de poematos dos tempos pandêmicos

Três horas da madrugada
O sono não vem
Culpo o mate, culpo o café
Três horas da madrugada
Vejo as covas de São Paulo
As retroscavadeiras de Manaus
As imagens falam por si
A garganta engasga por aqui

Ruas esvaziadas
Cidades mudadas
Ficção, tratado da cegueira?

Não, não!
Dura realidade
Mundo apequenado
Isolamento, confinamento
qua-ren-te-na

Telas noticiam
Corpos na rua
Mortalhas de papelão
Medo e solidão
Finitude a qualquer momento
É preciso muita limpeza
álcool gel e sabão
Para o vírus não pegar a tua mão
Não é apenas uma gripe não!

Se estamos à mercê de tudo isso
O Sistema falhou
Sucateou a Saúde Pública
E o “bicho” viralizou!
Todos merecem atendimento
Um Direito assegurado
Se a morte bate à porta
Temos que partir com dignidade

O que registrar desse tempo
De desassossegos e agonias?
Na memória coletiva, tempo paradoxal
De morte e valoração da vida
Descasos e empatias
De heróis que vestem branco
De hiatos irrecuperáveis
E de lutas que persistem

Maria da Glória Jesus de Oliveira

Pertence à Academia Rio-Grandense de Letras; à Academia Literária Feminina do RS; à Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves; à Academia de Artes Literárias e Culturais do RS; à Academia de Letras do Brasil/Suíça; à Academia Internacional dos Quintanistas; à Academia de Letras Rio-Cidade Maravilhosa/RJ; à Sociedade Partenon Literário; à Associação Gaúcha de Escritores; à AJEB-RS, desde 1997, dentre outros.

Atualidade

Um poema respira
Sobre a boca mascarada
Que oculta o sorriso
Que tem a fala velada
Nos olhos há temor
E, ao olhar ao redor,
Vejo que a verde cor
Está, de susto, molhada.



Maria do Carmo Silveira

Natural de Rio Pardo/RS e reside em Esteio/RS. Professora e escritora. Obras publicadas: *Navegando na Poesia*; *A Nova Estrada* (romance); *No Mar Azul da Alma* (poesias) e *A Chave do Castelo* (contos). É contadora de histórias em escolas e Lar de Idosos.

Um impulso

Tua mão estendida sobre a mesa
Foi um convite irrecusável
Para uma carícia e um afago
Naquele momento imaginável.

Será que brincamos de amar?
Neste impulso que nos pressionou
Não sei explicar por que teus olhos
Brilharam. E o meu rosto corou...
Nossas mãos se apertaram num instante
Nossos olhos se buscaram com emoção
Em teu peito recostei minha cabeça
Junto de mim, pulsou teu coração

Foi como se fosse outro mundo
Duas almas ficaram entrelaçadas
E uma chama intensa e repentina
Deixou nossas almas inflamadas

Neste impulso fugiram as palavras
Num momento de magia e de carinho
Uma voz sussurrou para nós dois
Que nenhum viveria mais sozinho

Era uma grande força estranha
Que domina, invade e acalenta
Quando ficamos abraçados
São surpresas que a vida apresenta.

Maria José Bela dos Santos Silveira

Nascida em Camaquã/RS, escritora, é membro efetivo da Academia de Letras do Brasil, da Academia de Artes Literárias e Culturais do RS, associada no Partenon Literário; membro do Movimento Nacional Elos Literários. Cultiva o gosto pela literatura, em especial pela poesia.



As janelas

As janelas são tantas,
tem as da infância
as do passado e as do presente!
Mas tem as da vida
que se misturam com o tempo
cheias de arestas espiando o futuro!
Não sabemos o que nos espera dentro dela
às vezes cinza outras azuis!
Cada uma guarda um mistério, uma lenda!
Ah se eu pudesse descobrir o segredo desta janela!!



Maria Odila Menezes de Souza

Professora, escritora, Presidente Nacional da AJEB e de Honra da AJEB-RS, Ativista cultural, pioneira da Associação Gaúcha dos Escritores Independentes; Membro da Academia Literária Feminina/RS, ALB e ALPAS 21. Autora de *Ação e Limites*, *Enigmas da Existência*, *Sutil Convivência* e *Iluminuras*.

E-mail: mariaodilamenezes3@gmail.com

Quarentena

Na madrugada insone
Nasce um poema
 Pequenino, indefeso

Sofrido chora
sua voz ecoa
Trêmula, faminta
Sempre surpresa
No vazio dos dias
 Anseia o calor que acolhe
 Quer sentir-se vivo.

Marinês Bonacina

Jornalista, radialista, Presidente da Casa do Poeta Latino-Americano. Presidente da Associação dos Amigos do Centro de Desenvolvimento da Expressão. Embaixadora Universal da Paz, Geneva - Suíça. Consulesa de "Poetas Del Mundo" em Porto Alegre. Diretora Cultural - Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional.

E-mail: mabjornal@gmail.com



Ideias

São o que nos alimenta,
para viver neste incerto trajeto
que o homem sentenciou.

No crepitar de um dia
elas dançam.

O crepúsculo chega,
elas adormecem.

Derradeiro piscar de chamas.

Muitos as têm. . .

Alguns colocam no papel,
mas poucos as executam.



Milena Pinzón

Sou uma palavra chamada mulher e um canto enunciado na liberdade dos instantes. Nasci em uma terra de café eterno e de páramos lindos chamados Colômbia. O céu é uma espera por escrever e que minha bela filha herde o melhor de mim. Meus primeiros poemas estão em *Quatro Vozes, um Canto*.

Restam-nos as palavras

Restam-nos as palavras
quando o curto espaço
não permite nem sequer ver-nos
nos dedos, nem nos tocar nos olhos.

Restam-nos as palavras
porque já nem um abraço passa pela possibilidade de ser,
no tempo que atropela o silêncio
e a calma é um abismo de pele
que pode lançar-te desprovido;
enquanto o vazio é o melhor augúrio.

Restam-nos as palavras
no caos da vida onde vomitamos com a boca fechada
e o morno estar se congela pela vela.

Restam-nos as palavras
ainda que o vento se apague na garganta
e somente gere sufoco perpétuo
de mistérios de esquecimento e carências de luz.

Restam-nos as palavras.

Nádia Elise Lima Bandeira

Médica por vocação, filósofa e aprendiz de psicanalista. Amante das palavras, reencontrei-me com a escrita na Oficina de Produção Psicanalítica e Literária, conduzida por Paulo Fernando Monteiro Ferraz.



A menina do espelho

Num dia qualquer, durante este período de confinamento, olhei-me no espelho, o mesmo onde me mirava durante a infância e juventude. Deparei-me com uma menina com traços muito parecidos com os meus. Ela não disse nada, só devolveu o olhar. Sua imagem ficou retida em minha mente. Ia lhe visitar sem me dar conta ou entender quem era e que olhar era aquele. Chegou um momento que já não precisava voltar ao espelho para encontrá-la.

Não havia troca de palavras, mas apenas de emoções e vivências, como a comparar aquilo que ela sentia com aquilo que agora sinto. Parece que eu a ouvia dizer que era assim que ela se imaginava ao olhar-se no espelho com a minha idade: madura e não velha. Gostei disso. Sussurrou em meu ouvido que nunca tinha se imaginado com três filhos, marido, trabalho e ainda estudando na minha idade. Sonhava em chegar em casa e poder ver TV sem se preocupar com as tarefas do outro dia e com problemas financeiros.

A menina do espelho não parava de tagarelar ao meu ouvido sobre o sucesso dos seus planos e o que nunca passara por sua cabeça. Queria ser importante e, talvez, rica, mas não havia traçado muitos planos sobre a vida real. Não conseguia se imaginar mais velha e com responsabilidades. Como eu podia ser feliz com tão pouco? Ela nunca havia se imaginado feliz, mas sabia que o futuro pertence à realidade e não ao mundo dos sonhos. Disse para a minha consciência que escondia seus sonhos nos livros e no estudo e imaginava que um dia não iria precisar mais disso.

E então sussurrei com a voz do coração, que ela continuava a ser assim, uma sonhadora que não queria envelhecer e que não gostava que soubessem que amava estudar e foi uma pena ter escondido isso, pois estudar era muito bom e suspendia o contar do tempo. Conteí a ela que, após anos estudando coisas da ciência e do mundo prático, havia voltado a fantasiar e a escrever. Pensamos em unísono “eu queria ser Clarice”, que era uma frase que a menina sempre dizia e eu agora voltei a dizer. Saímos a vasculhar os cantos da casa que habitávamos. Abrimos os livros que haviam sido dela e que agora eram meus, declamamos poesias juntas, ouvimos as músicas do tempo dela e que agora pertenciam à minha memória, descobrimos badulaques, rimos dos nossos devaneios e então ela se foi. Só que deixou em meu peito uma dor tão grande, tão forte que era dela e que agora era minha. Menina, por que fizeste isso comigo? Essas dores não são mais minhas, são tuas. Veja, eu cresci, sou mulher feita. Não quero sofrer de dores e perdas que não são mais minhas. Devias ter ficado contigo.

A menina voltou e cochichou bem baixinho que havia voltado para me mostrar que esses dissabores nunca haviam desaparecido. Eu apenas os disfarçava ou os camuflava e por isso ela precisou retornar. O encontro foi necessário para que ela pudesse realizar seu desejo de ser grande. Era preciso revisitar aquilo que ela viveu e aprendeu e não sabia o significado, mas eu agora podia entender e transformar. Disse que eu devia isso a ela pois, se não fosse tudo que ela havia rido e chorado, pensado e sonhado, eu não estaria aqui. Como ela mesmo pensava, eu não havia planejado tudo em minha vida, havia deixado um espaço para o inesperado, sem saber. Uma coisa ela agora entendia: merecíamos ser felizes.

Foi aí que percebi que ela não tinha ido embora, sempre estaria comigo até o fim de nossos dias e sempre poderia contar com ela. A menina murmurou que só havia me olhado no espelho por causa do período de quarentena. Prometi tentar entender nossas dores para realizar os nossos sonhos que podemos resumir a sermos felizes por ser quem somos. Eu precisava olhar mais para a menina que fui, cuidar dela, enxergá-la, para que ela pudesse cuidar de mim.

Sem medo. Juntas e sendo uma só.

Pedaços de mim

Ao longo da caminhada vivida, perco pedaços. Deixo partes de meu corpo e de minha alma. Surgem fálhas que viram casulos. Pouco a pouco, vão sendo preenchidos por objetos, quinquilharias, experiências, histórias, alegrias, sofrimentos, vidas. Muitas dores. Alguns contentamentos. O olhar, porém, segue intacto. Firme, mirando o futuro e tudo que sempre quis. Está na hora de juntar meus fragmentos e seguir.



Natália Brandalise Pinto

21 anos, natural de Porto Alegre e graduanda em Psicologia na PUCRS. Meu encanto pelo mundo da literatura vem se tornando cada vez maior, principalmente quando percebo o poder do afeto que se cria a partir do compartilhamento desse amor pelos livros e pela escrita.

Chuva

essa noite
não dormi
chorei por perdas
por mortes
concretas
e simbólicas
chorei por famílias
por desconhecidos
pelo luto de alguém
desejei ser criança
outra vez
chorei de saudades
sei lá
talvez de raiva
não sabia mais
como um arco-íris
de emoções
na verdade
sentia-me cinza
como em uma

manhã fria
em que o sol
não apareceu
fechei os olhos
entre lágrimas
percebi
que lá fora
a chuva caía
até parecia
a letra
de uma canção
dei-me conta
o mundo chora também

Janela

acabo o livro
volto para o mundo
para a janela
a cidade
a rua
vazia
as pessoas
que não vejo
onde estão?
em outra janela
talvez
outro mundo
dentro de algum livro
por aí



Nilda Melo Cezar

Poetisa cacequiense, radicada em POA. Participou de inúmeras coletâneas, tem várias poesias publicadas em *Zero Hora*. Associada da AJEB e do GLCA, no qual já exerceu alguns cargos de diretoria, tendo sido presidenta no biênio 2017-2019 e é, atualmente, sua primeira-secretária.

Fardo

Na vida, somos
peregrinos,
o que nos diferencia
é o fardo,
para uns, leve,
destino,
para outros, pesado,
é sina.

Noely Luft

Porto Alegre. Bacharel em Ciências Físicas pela UFRGS. Artista Visual com diversas exposições coletivas e ilustração da capa de 4 livros. Participação em coletânea de livros de poesias e contos, bem como coautora do romance histórico *LUTZ*, que concorre ao prêmio Açorianos 2020.



Pandemia

Garras martirizantes
feridas mutáveis
dor na perda
dor na espera

nas lembranças
imagens passadas
nosso universo interior
em cena

movidos pelo distanciamento
a vida passa na janela
que nunca é o que se vê
quando se abre a janela



Olivia Barrios Ardenghi

Nasci em Porto Alegre, em 2012. Eu tenho oito anos. Gosto de brincar e ler.

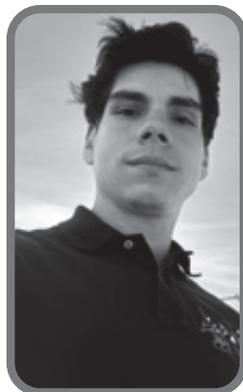
Quarentena

Faz cinco cadernos que estamos em quarentena. Eu estou me divertindo muito, mas quero que acabe porque quero abraçar a minha família.

Eu estou me divertindo, e espero que vocês, ou você, também estejam se divertindo.

Paulo Monteiro Ferraz

Psicanalista em formação. Mestre em Psicologia Social e Institucional. Especialista em Psicoterapia Psicanalítica. Escritor. Professor e Coordenador da Oficina de Produção Psicanalítica e Literária. Membro efetivo da ALB, Academia Castro Alves e ALMURS.



O surto

O flagelo estrangeiro
Colonizou de vazio
A alma dos dias

A forma do outro
Funde silêncios às cinzas
Nasce o medo

No peito
Solidões glaciais
Mortificam sentidos

O pão do presente
Enfara o porvir
Com reprises
No ventre da miséria
Anômalas recompensas
Espólio de vitórias pírricas

A falta de graça
Arranca da inércia
O caráter provisório

Nas réstias da esperança
Mapas das distopias
Precipitam a vida em nenhures.



Rejane Bonadimann Minuzzi

Natural de Seberi/RS. Professora de Educação Física Adaptada. Mestranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Membro da Academia de Letras, Artes e Ciências – 'A Palavra do Século 21', de Cruz Alta, acadêmica correspondente, cadeira 128.

A falta do abraço!

O abraço é um símbolo necessário para nós, humanos.

Ele é capaz de estabelecer vínculos fundamentais para sobrevivência.

É uma habilidade que adquirimos naturalmente desde pequenos.

Há este contato desde o nascimento e quando nos sentimos desamparados, retrocedemos inconscientemente a este momento em busca de uma solução.

Ele promove um bem-estar e libera a oxitocina, que é o hormônio da felicidade.

Abraços aliviam as dores na alma e as tristezas.

Neste período de isolamento nos distanciamos do abraço,
mas não podemos nos distanciar do afeto.

A falta do abraço nos faz usar mais palavras e afagamos nosso coração
com gestos de atenção.

O abraço é o hormônio da empatia, ele define o amor, a amizade, o prazer,
o bem-estar, a recompensa, a atração e o desejo.

Neste momento vamos aproveitar para nosso autoconhecimento e podemos
proporcionar uma grande mudança em nossa vida.

Quanto mais nos cuidarmos agora, mais rápido poderemos abraçar as pes-
soas de quem sentimos saudade, de quem amamos.

Palavras amenizam...

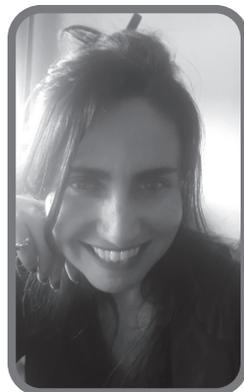
Gestos de amor nos fazem inesquecíveis...

e...

Abraços curam.

Renata Machado

Sou jornalista e escritora. Autora do livro *Mosaico de Reflexos* (AGE Editora, 2018), coautora de algumas coletâneas e de diversos contos espalhados por aí.



Aqui e agora em três tempos

Parece distante e improvável. Até se tornar presente e ameaçador. Ela está com tantos compromissos marcados para os próximos dias e planos a longo prazo. O almoço com a amiga, a visita ao sobrinho, a dermatologista... O curso em São Paulo no próximo mês e a viagem de férias para o Nordeste, em julho. Por precaução, desmarca e cancela um por um. Alguns com alívio, outros com dor no coração.

Passa as noites acordada. Nunca sentiu tanta dor de cabeça como agora. Pensa que não vai se acostumar, está desconfortável. Não sabia que gostava tanto da rua. Vai passar. Começa a tomar florais, melhor que remédio para dormir. Ela tenta não se culpar, afinal, é uma situação nova e todo mundo está assim, meio estranho...

Acorda uma hora mais tarde. Os dias são cheios e passam rápido. Está segura numa rotina cheia de demandas virtuais, de reuniões de trabalho a aula de pilates. Conhece vários aplicativos novos, faz compras pela internet e até happy hour com as amigas, cada uma na sua casa. Economiza roupa, maquiagem e gasolina. Adora um delivery, faz um curso de astrologia online, acompanha lives sobre assuntos que lhe interessam e de seus artistas favoritos. Ela dança no meio da sala, bebe vinho no almoço e atende ligações de trabalho de pantufa.

Às vezes, se pega pensando na vida de antes, tão distante e improvável.



Rosângela Godolphim Plá

Graduada em Pedagogia e Teologia. Escritora. Acadêmica da ALB/RS. Pesquisadora, Associada, Associada Adjunta no Colégio Brasileiro de Genealogia. Tem 3 livros publicados e participante de 22 Coletâneas.

Confinamento

O que vamos dizer acerca destas coisas? O isolamento social e seus atos restritivos? Vamos contar às próximas gerações que a morte andou rondando nossos passos. Da luta pela vida dos enfermos, que não havia vacina, que os remédios trouxeram disputas cheias de soberbas pelo poder. Apesar de sermos uma geração de pacifistas, digo é cruel toda forma de privação de liberdade mesmo assim, a vida não se detém ante o Covid-19.

A mansidão de alma gera vida, o eu interior pacífico transborda a suprema felicidade, mostra a vitória da corrida pela vida. O amor desabrocha, as flores cantam e o sol aquece nos dias frios. Cai a chuva que rega a terra, para nos dar sementes e termos fartura no produto dos campos. As crianças, seus sorrisos e correrias extravasam pela casa. A felicidade não morre nem a esperança, que é um ciclo e se renova toda manhã. Tirando todo o desassossego gerado pelo confinamento.

Sarah Bressan

Psicóloga, especialista em psicoterapia de orientação psicanalítica. Associada do IPSI – Instituto de Psicologia. Membro da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. Aluna da Oficina de Produção Psicanalítica e Literária – Paulo Ferraz.



Ser mãe na pandemia

Ser mãe na pandemia
Tem medo e mãos frias
Ser mãe na pandemia
Tem brinquedo e poesia

Ouçó vírus
Conto monstros
Ouçó médico
Conto anjos

Sendo mãe na pandemia
Sou Benigni em A Vida é Bela
Sou Toquinho e faço Aquarela
Sou refúgio só para ela



Silvana Henzel

Psicanalista. Membro efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica; Membro da Sociedade de Psicologia do RS.

Ele Ela

A vida seguia seu curso. As rotinas de sempre. Cada um no seu lugar. Dizem que a vida vai moldando a vida. Ouviram falar que na China a vida perdeu a rotina. Um inimigo invisível mudou as regras. Nada de susto que estava longe. Contrariando todas as rasas lógicas, o bicho pegou aviões. Contaminações, doença, mortes. Fiquem em casa, diziam os entendidos. Outros falavam tomem chá, cachaça, vermífugo, escambau.

Resistiram um pouco. Ele praguejava. Ela refletia. Ele na rotina. Ela foi recolhendo a vida e as crianças. Ele resmungava, negando a realidade, cada dia mais perto. Ela resignou-se. Ele resistia até a última vergonha, então cedia sem dizer que cedeu. O mundo deles era dividido. Assim já era havia eras. O mundo real foi se fechando e o mandando para dentro de casa. Ali onde parecia uma peça fora do jogo. A intimidade não era habitada por ele. Gaúcho macho vive vida de macho. Ela tem todas as responsabilidades. Ele provê. Há muito tempo ela também. Provê.

Ela seguia a rotina, agora sem trânsito. Sentia até um alívio. Ela fazia esteira. Ele via o jornal e resmungava a falta do futebol. Ela organizava os filhos. Ele cochilava no sofá, assistindo à reprise da Copa de 70. Ela preparava a comida. Ele reclamava da barriga cheia. E dormia na poltrona. Ela acordada. Adaptada. Ele desacordado para a vida e com a vida. Reclamava a falta dos companheiros de bar.

Voaram dois meses. Nada parecia ter fim. Pandemia e pandemônio. Ele mais quieto. Ela conformada. Ele reclamando menos. Ela fazendo muito. Alternavam as idas ao supermercado. Ela fazia a lista. Ele perguntava qual marca. Máscara no queixo. Ela ia às compras. Máscara dupla no rosto. Ál-

cool gel em tudo. Ela guardava. Ele queixoso, cansado. Ela dormia à noite. Ele esvaziado. Ela missão cumprida.

Um dia algo ocorreu. Simplesmente ele disse Basta. Ela o olhou curiosa, temerosa. Lady Di, cabisbaixa. Misto de o que será com sim eu sei. Ele quieto, apenas mantinha-se firme. Corroborava o dito, mas nada dizia do que realmente era.

Foi à cozinha. Passou café. Colocou a mesa para o desjejum. Cortou frutas. Ela, uma sombra à espreita, com aquele olhar a olhar. Território dela. Ele aqueceu o leite. Procurava algo. Abria portas, gavetas. Revirava os talheres. Com o coador na mão, coou o leite. Colocou na mesa.

Ela ia. E vinha. Olhar de princesa destronada. No semblante, a sombra das decepções. Foram muitos contos e vestidos cor de rosa. Cavalos e príncipes. O que veio depois do final não parecia em nada com foram felizes para sempre.

Ele não lhe dirigia o olhar naquele dia. Nenhum tipo de superioridade. Apenas movia-se. Tomaram o café em silêncio. Sem palavras. Igual, mas diferente. As crianças em seus lugares. Olhares curiosos, de espanto. Ela levantou em direção à pia. Prato e xícara na mão. Talheres na outra. Esponja e detergente ali, sempre à espera. Ele se atravessou quase jeitoso. Alongando o braço, apanhou a esponja. Esguichou o detergente. E fez. Ela incrédula, vassoura na mão. Ele acabrunhado, com balde e sabão. Ela atrapalhada com a cena. Ele, determinado a seguir. Pano no chão. Pano nos móveis. Perguntou a ela como se limpa um banheiro? Como se lava a roupa? Como se liga a máquina? Onde se guardam as toalhas? Onde se guardam os lençóis? Quanto de água no arroz? Como se tempera o feijão? O que se faz com as sobras? Como se corta o mamão?

Ela seguia contida. Como aprendeu com a vida. Mulher não desafia. Mulher não questiona. Ela foi feita para a lida. Ele foi feito pra rua. Ela cuidava da casa. Ele cuidava da vida. Ela cuidava de todos. Ele cuidava de si. Ela levava pra escola. Ele saía sem pressa. Ela mexia panelas. Ele, aperitivo e boteco. Ela dava a papinha. Ele escolhia o PF com os guapos do bar. Ela batia o ponto correndo. Ele degustava café. Ela buscava na escola. Ele bebia cerveja. Ela banhava as crianças. Ele calçava as chuteiras. E assim sempre foi. Assim tinha sido.

Até que a chamou de Amor. Ela ficou espiada. Ele disse que tinha vergonha. Ela perguntou vergonha de quê. Ele disse o mundo mudou. Fazemos por diante juntos. Eu e tu. Ou a mim resta a barbárie dos machos. E isso eu não quero mais. E fez assim unir seus mundos. Voltaram a rir. Cozi-

nhar. Dançar. Aperitivavam, degustavam café, buscariam na escola, coavam o leite, cortavam as frutas, lavavam a louça. Fariam o destino. Fariam a vida. Fariam seu mundo. Fariam os filhos. Fariam. Juntos.

Então, ele queixou-se de dor. Na garganta. Febre pouca. Ela fez o chá. Ela ligou para o médico. Ele acamou-se. Sentiu-se cuidado. Isso não era novo. Bastaram dois dias. Ele avivou-se. Ela decaía. Febril, arrastava o corpo na lida do dia. As crianças precisavam dela. Uma febril. As duas ranhentas. Pareciam mais lentas. Cansadas talvez. Vieram as dores. As forças aos poucos se esvaindo. Ela tentando. Ele se fortalecia. Demorou um pouco a ver. Ela sempre fora mais frágil. Ele resistia. Ela adoecia. Ele fora guri-da-rua. Ela, menina-boneca. Olharam-se. Temiam. Quando faltou olfato e o paladar se apagou. Ambos aflitos. A febre subindo. O ar escasseando. Ela tremia. Ele assustou-se.

Foi de ambulância. Todos chorando. Medo. Hospital sem visitas. Entubaram. Sedaram. Não sente dor. Nenhuma previsão. Só temor. O filme passando na cabeça dele, agora desperto. Um filme de encontros e desencontros, de amor e de dor. De calor e rancor. Que suscitava vergonha. E arrependimentos.

Ela sempre estivera ali. Sabia o lugar e a hora. De tudo. Ela que brigou. Chorou. Embraveceu e desembraveceu. Dois trabalhos, repetia ele. Vergonha. A imaturidade cobra um preço. O machismo muito mais. Anos de estupidez e solidão. De arrogância. Dois meses de reparação. Dois meses de despertar. Ele pensava quanto tempo perdeu vivendo à margem. À margem de sua própria família. Da infância dos filhos. Do mundo dela. Do mundo que ela criou para eles. Enquanto ele vivia lá fora no mundo, perdia o seu.

Tocou. No meio da noite, o celular. Ele atendeu. Ela não conseguiu, disse a voz. Para ela uma gripe era sempre uma batalha. Nunca uma gripezinha. Era forte. Mas frágil. Perdeu a guerra. O inimigo invisível, que veio de avião, venceu.

Não haveria despedida. Não cozinhariam juntos. Não dançariam mais. Não café. Não churrasco com a salada de batatas dela. Não. Nada mais. Restava o choro. Ela gerara os filhos que agora seriam seu mundo. Precisaria caber naquele mundo. Precisaria aprender com urgência a caber no mundo que ela deixou todo arrumado para ele. Precisava aprender a manter. Precisava não desarrumar. Precisava...

Sonia Maria Dürchnabel Athayde

(Soninha Athayde) nasceu e reside em Porto Alegre. Graduada em Letras e Direito pela PUCRS. Ocupa a cadeira nº 43 da Academia de Artes Literárias e Culturais do Estado do Rio Grande do Sul, a nº 64 da Academia de Letras do Brasil e a nº 4 da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves. Integra a AJEB/RS, a Associação Poemas à Flor da Pele e é membro honorário da Divina Academia Francesa de Artes, Letras e Cultura, Paris/França.



Ao despertar...

Soltaram-se pelo mundo.
Vivos,
Sem medo,
Recém-nascidos.
Escorreram da consciência
Recém-acordada.
Pela caneta junto à cama
Ganharam o mundo.
Aqui, ainda aurora.
Lá, já noite escura.
Nasceram prontos para o agora e o amanhã.
Meus versos amados!
Vida eterna para os filhos desta poetisa passageira.
Aquele que fala deles ao nascerem,
Sem nem mesmo saber como serão tratados,
Ou a quem ou pra que servirão.
Este é apenas o ato da criação.
O depois? Somente o olhar alheio saberá.
Como um filho que se vai mundo afora.



Susana Rodrigues

Psicóloga, psicanalista em formação pela SIG; coordenadora do Núcleo de São Leopoldo da Sociedade de Psicologia do RS; membro da comissão editorial da *Revista Diaphora*, aluna da Oficina de Produção Psicanalítica e Literária, com o prof. Paulo Ferraz na SPRGS.

Fôlego

Quando a morte chega
Você se entrega
Ou resiste?
Sinto-te
Vem pela rua
Aqui no quarto andar
Chegarás?
Um morador da cidade
Outro dia
Ontem um vizinho
Hoje um familiar
Virá a minha vez?
Mais alguém dos meus?
Medo
A vida pulsa
Insisto
Proteção exige
Alerta
Amparo
Um colo talvez
O cortejo segue
Algo ficou para trás
O que foi já não é
Outro dia
Virá?

Desalinhado

Trem da incerteza
horror no meu rosto

dois mil e vinte

frases soltas
fragmentos do não dito
linhas tortas
trêmulas de medo
solidão

desamparo que devasta
morte
tragédia

Acidente?



Tatiana Fadel Rihan

Natural de Porto Alegre, uma cidadã do mundo, advogada, terapeuta holística, peregrina, 2ª Vice-Presidente da AJEB-RS e autora do livro *Uma Viagem em um Bloco de Notas*.

Sonhando acordada

Tudo parecia sonho, mas era realidade, que se mesclava ao lúdico e ao imaginário.

Era assim, como eu nunca tinha almejado ou sonhado, mas era assim que se mostrava.

Claro que aquele era, sim, o homem com quem eu desejava passar o resto da minha vida, isso era claro e certo. O que eu não sonhava ou imaginava era a forma criativa e maravilhosa com que ele me proporia casamento!

- Sim, meu amor sim, eu digo sim!

Tudo estava organizado: eu voltaria ao Brasil para encerrar um ciclo aqui e mudar-me logo, para celebrar nossa linda cerimônia sobre o sol e o mar azul da Ligúria.

Três dias após meu retorno, pânico e pandemia! Caos e alerta!

Tudo mudava: vida, planos, situação financeira, saúde física e, principalmente, a mental. Passávamos a viver a impermanência total nas 24h diárias.

Como a lua, sempre em novas fases, passamos por várias delas: surpresa indefesa, medo em alerta, cuidado em excesso, tristeza descontrolada, consciência ativada, confiança ativa, raiva trabalhada, amor espalhado e fé enraizada.

Todos esses sentimentos se mesclaram e apareciam algumas vezes isolados, em outras, acompanhados, mas nenhum vencia o que movia a todos eles: o amor exacerbado!

Em tempos de pandemia, ficamos mais fortes e convictos. Fortes e unidos. Sabemos com quem podemos contar e a quem podemos ajudar. Um ciclo de mudanças, assim como a nova vida que para mim se instalava.

A pergunta é: o que você pretende fazer com isso? Como quer e pretende viver daqui para a frente?

Sempre pedi por mudança, a vida planetária estava insustentável, nem nossa mãe-terra aguentava mais tanto descaso.

Quem é o vírus? Quem é realmente ele?

Uma coisa é certa: nós o criamos! Somos todos um pouco responsáveis por esse caos criado aos poucos no passar dos séculos, na nossa cegueira coletiva de que somos humanos, o planeta é humano e a vida é um ser em si mesmo.

Quando vai passar, não sei! Quando vamos acordar, não sei!

Penso que estamos contaminados por coisas que não nos levam de volta a casa, e que, na realidade, só nos afastam dela.

Enquanto isso, espero poder me mover para os braços do meu amado, de estar ao lado dele e levar a minha casa de encontro à dele.

Voltemos todos a casa e sejamos realmente a mudança que queremos ver no mundo, pois voltando a nossa casa, agimos em essência e com consciência humana.

Volte já ao seu coração, seu lar sagrado e permita realmente que todos os vírus que assolam nossa humanidade sejam banidos em nome da nova era!



Teani Godolphim

Empresária, professora de Tecnologia Social, publicitária, produtora cultural, fotógrafa, conselheira téc. do Museu das Ilhas, diretora do Açorianos Club Luso-Brasileiro RS Artes, Cultura e Turismo.

Teus Olhos Azuis

Quando teus olhos, os meus fitaram,
senti alegria, senti o amor.

Quando teus olhos me envolveram,
morreu o ódio, morreu a dor.

Senti que um mundo de tristezas
tombara derrotado e sofredor,
levando consigo as incertezas.
Senti as esperanças renascerem.

Quando teus olhos me olharam
e de amor com os meus brincaram,
um novo sol no céu despontou,
um mundo de meiguice.

Despertou no peito
uma vontade de amar...
pareceu aos poucos desabrochar.

As horas passaram a ser segundos,
ruas passaram a ser mundos,
passaram a reis os vagabundos.
E o mundo de rosas se tingiu
E um sonho de amor em mim surgiu

Quando teus olhos, os meus fitaram
No horizonte senti o amor nascer...

E o que peço?
E o que quero?
Por favor!

É poder em teus meigos
Olhos azuis
Buscar a Paz do meu amor!



Teresinha Couto

Nasceu em Cerro Largo/RS, deficiente visual total, alfabetizada em escrita e leitura braille. Pedagoga, Pós-graduada em Orientação e Supervisão Escolar, Escritora e Poeta. Medalha/Selo Excelência Cultural e Comenda Personalidade Literária. Acadêmica da ALPAS 21 e ALB/RS. Escrever poesias é arte de viver feliz.

Cartão-postal

Em tempo de quarentena
Formando um cartão-postal
Enquadrada na moldura da janela
Sopro do vento alisando a face
Olhando a linha do horizonte
Ao longe avistei
No clarear do dia
Encoberto por um brando véu
O sol sem brilho desponta
Num tom acinzentado
Espessas nuvens
Encobrindo o azul do céu
Gotículas de chuva andarilha
Flores candentes abrem silenciosamente
Desmaiadas ao vento no alvorecer do tempo
Ruas desertas com folhas secas
Num panorama de pandemia
Apelos esperançosos acontecem
Refrescando corpo, alma e mente
Brevemente o planeta se renovará...

Saga dos mascarados

Focado na preservação da vida
Entre decretos e portarias
Emitidos pelos nossos governantes
Tornou-se obrigatório o uso de máscaras
Nas ruas e em qualquer ambiente público
Entre tantos outros
Primando pela preservação da vida
Sem vacilo seguir regras é preciso
Só de máscara devemos sair
Para preservar minha vida e também a sua
Em fila qualquer distanciar-se é necessário
Independente de idade ou classe social
A criatividade humana é fantástica
Com modelos e cores variados
Todos os mascarados desfilam
Nas ruas e avenidas
Dando um colorido todo especial
Hoje virou mania nacional
Preparados para derrotar
Esse estrangeiro
Que se infiltrou entre nós
Evitando festas e aglomerações
Com o distanciamento entre nós
Expresse seus sentimentos
Às pessoas que ama
Em off-line e telemensagens
Através das redes sociais
Livres de vírus

Utopias

Entre lençóis revoltos
Mergulhada em teus braços
“No crepitar das chamas”
Procurei a luz do teu olhar
Encontrei-me com a solidão
Acordei para vida real
Confinados bem distantes
O tempo não passa
A bandeira avermelhou
Com o coração acelerado
A pressão baixou
Gotículas de chuva andarilha caem
Numa ligação de vídeo
Doces palavras surgem
Renovando sentimentos vividos
E é nas flores que surgem
Que eu me repagino e me encontro
E te reencontro
Viva esperança brota
Num relance estratégico
Em tempo de pandemia
Só passamos a fazer amor
Em verso e poesia...

Memórias da AJEB-RS

Antes da pandemia

Reunião de Diretoria e Posse da Presidente Coordenadora da AJEB-RS, Eliane Tonello



Projetos

Participação da AJEB-RS na “Tarde de Talentos” durante o IV Fórum Social Mundial População Idosa, PCDs e Diversidades



SARAU NA PRAÇA AJEB-RS e IMAMA –
“O que nos move é o amor pela vida”



Chegou a Pandemia....

Os eventos mensais passaram a ser virtuais: Sarau Conecte-se com a literatura; Palestra de Tatiana Fadel Rihan “É caminhando que o caminho se abre”; Palestra de Adriana Mendonça “Escritores Criativos e a Psicanálise”; Bate-papo sobre a obra quadrilíngue infantojuvenil “Layla e a Uva”, de Eliane Tonello; Sarau Prata da Casa; Bate-papo sobre a obra “A Espiral de Gerações”, de Eliane Tonello; Bate-papo sobre a obra *Ao Menos um Descanso*, de Andrea Barrios; Outubro Rosa na AJEB-RS, bate-papo “Caminhos da vida em versos”; Lançamento da *Coletânea Palavras 2020*, organizada por Eliane Tonello, e Bate-papo sobre “Arte e Loucura”.

Palestras

Palestra



13/06/2020

"Escritores Criativos e a Psicanálise"

13 de junho de 2020 (sábado) Às 15hs



Convidada
Adriana Mendonça
Psicanalista, palestrante de cursos sobre criatividade humana e adultez madura

AJEB ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS E ESCRITORAS DO BRASIL – COORDENADORIA RIO GRANDE DO SUL

On-line pelo facebook da página da AJEB-RS 

Atividade aberta para o público



23/05/2020

**Palestra com a Ajebiana
Tatiana Fadel Rihan**

Sábado, 23/05/20
Às 15h no Google Meet

"É caminhando que o Caminho se abre"

10/06/2020

LANÇAMENTO

Eliane Tonello
Layla e a Uva

Chegou **Layla e a Uva** - Quatro idiomas em um só livro!

A psicóloga e escritora, **Eliane Tonello**, lança a obra quadrilíngua que levará o leitor e seus familiares a mergulharem em diferentes mundos imaginários e criativos.

Disponível para venda em e-book na [amazon.com](https://www.amazon.com)

Livro físico: ☎ (51) 999965448 ou eliane.tonelo@gmail.com

Tradutoras
Italian: Paola Aroldo Santagada
Espanhol: **Andrea Barrios**
Inglês: **Cassiane Ogliari**

Ilustração
Emerson Falkenberg - Estrada Criativa



31/07/2020

LIVE 31/07 às 19hs
Página do Facebook da autora

Lançamento em eBook da obra
A Espiral de Gerações


Eliane Tonello
Escritora e Psicóloga

MEDIADORA

ANDREA BARRIOS
Escritora, tradutora e professora de francês e espanhol.

CONVIDADOS


PAULO MONTEIRO FERRAZ
Psicanalista, Professor, Coordenador da Oficina de Produção Psicanalítica e Literária, escritor e Mestre em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS


DENISE ZIMPEK PEREIRA
Psicanalista, Membro Titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de FIA, Presidente do Grupo, Membro do Núcleo de Vínculos de SBP/SP, co-autora da obra "Transgeracionalidade - De Escrava à Herdeira"



BATE-PAPO

LIVE 09.10 | 19 hs
No facebook da **AJEB RS**

Sobre a obra:

Ao menos um descanso
Al menos un descanso



AUTORA



Andrea Barrios

MEDIADORA



Eliane Tonello
Psicóloga, escritora e Presidente
Coordenadora da AJEB RS

CONVIDADOS



Renê Sica Lamas
Psicóloga, escritora e
orientadora de oficinas
literárias no Scivere



David Ceccon
Artista visual

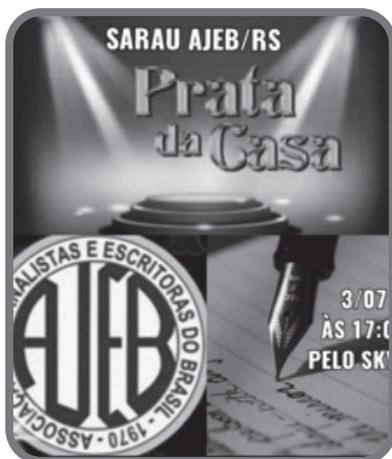


Paulo Monteiro Ferraz
Psicanalista, escritor e
coordenador de oficina
de produção de oficina
psicanalítica



Milena Pinzón
Psicóloga, especialista
em pedagogia, mestre
em estudos literários





Outubro Rosa

na AJEB-RS

LIVE 30.10 | 17 hs
No facebook da **AJEB RS**

Caminhos da vida em versos



CONVIDADOS



Iolanda Klatic
Vitoriosa e empresária



Tzani Godolphin
Membro da AJEB-RS
e Escritora



Maria Odila Menezes de Souza
Presidente Nacional da AJEB
e Escritora

MEDIADORA



Eliane Tonello
Presidente Coordenadora da AJEB-RS,
escritora e psicóloga



Márcia Resser
Vitoriosa e Escritora



Andree Barros
Vice-Presidente da AJEB-RS,
Escritora e Tradutora